



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CAMPUS PROF. JOSÉ ALOÍSIO DE CAMPOS

**DO RISO À MATERIALIZAÇÃO DE IDEOLOGIAS: O FUNCIONAMENTO
DISCURSIVO DAS PIADAS DO FACEBOOK**

FABIANA ALVES DO NASCIMENTO

São Cristóvão/SE

2016

FABIANA ALVES DO NASCIMENTO

**DO RISO À MATERIALIZAÇÃO DE IDEOLOGIAS: O FUNCIONAMENTO
DISCURSIVO DAS PIADAS DO FACEBOOK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe – *Campus* Prof. Aloísio de Campos como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Elias Verdiani Tfouni

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Nascimento, Fabiana Alves do

N244d Do riso à materialização de ideologias : o funcionamento discursivo das piadas do Facebook / Fabiana Alves do Nascimento ; orientador Fábio Elias Verdiani Tfouni.– São Cristóvão, SE, 2016.

83 f. : il.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Análise do discurso. 2. Humor. 3. Ideologia. 4. Mídia social.
5. Facebook (Rede social on-line). I. Tfouni, Fábio Elias Verdiani.
II. Título.

CDU 81'42

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise discursiva dos memes e ilustrações retiradas de redes sociais denominados, neste trabalho, de piadas do facebook. Investiga-se o humor para abordar o funcionamento discursivo das piadas e, como elas revelam as transformações e acontecimentos da época, ou melhor, as ideologias perpassadas nas piadas, a fim de mostrar e compreender os discursos estigmatizados presentes no universo social. Neste contexto, trazemos os postulados de Foucault (2003, 2008), segundo o qual há na sociedade um controle dos discursos. Por mais que as piadas sejam consideradas uma liberação do inconsciente, elas são controladas. Ainda mais sendo perpassadas pelas redes sociais. Estas, por sua vez, são instituições de poder que vigiam e controlam os sujeitos e seus discursos. Desse modo, é importante salientarmos os conceitos de Pêcheux (1993) e Orlandi (2002, 2007) sobre a constituição dos sujeitos, sobre o discurso, o interdiscurso, o intradiscurso, a Formação Discursiva (FD) e, principalmente, sobre a Formação Ideológica (FI), que interpelam todos os discursos. Tratamos ainda dos questionamentos acerca do sujeito, da mídia e do humor com base em Possenti (2001, 2003, 2007), Freud (1905) entre outros. O riso revela nossas contradições, falhas e imperfeições, visto que é através do humor que todo poder constituído é revelado. Para efetivar, então, tal pesquisa, foram selecionadas piadas de acordo com as ideologias perpassadas, com temas sobre racismo, religião, machismo e política, retiradas de três páginas do Facebook, “Félix Bicha Má”, “Bode Gaiato” e “Piadas do Gatinho”. Nesses termos, esta pesquisa está circunscrita à Análise do Discurso de linha Francesa. Quanto à metodologia utilizada, optamos por uma análise qualitativa do objeto, haja vista as categorias de análise escolhidas.

Palavras-chave: discurso; piadas; ideologia; mídias sociais.

ABSTRACT

This work consists of a discursive analysis of memes and illustrations taken from social networks called in this work, facebook jokes. Investigates humor to address the discursive functioning of the jokes and how they reveal the changes and events of the time, or rather the implicit ideologies in jokes, in order to show and understand the stigmatized discourses present in the social and media universe. In this context, we bring Foucault's postulates (2003, 2008), according to which there is in society a control of speeches. As much as the jokes are considered one of the unconscious release, they are controlled. Further it is pervaded by social networks. These, in turn, are held by institutions that monitor and control the subjects and their discourse. Thus, it is important to emphasize the concepts of Pêcheux (1993) and Orlandi (2002, 2007) on the establishment of the subject on the speech, interdiscourse the intradiscourse the Discursive Formation (FD), and especially on the Ideological Training (FI), which is present in every speech. Ideology determines actions of the subject without him noticing being manipulated. still deal of questions about the subject, media and mood based Possenti (2001, 2003, 2007), Freud (1905) among others. Laughter reveals our contradictions, flaws and imperfections, since it is through humor that all constituted power is revealed. To carry out such research, jokes were selected according to the pervaded ideologies, with themes about racism, religion, machismo and politics, taken three Facebook pages, "Felix bad fagot", "wag Bode" and "Kitten jokes". In this context, this research is limited to the French Discourse Analysis. As for methodology, we opted for a qualitative analysis of the object, given the chosen categories of analysis.

Keywords: speech; jokes; ideology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
CAPÍTULO I – Análise do Discurso – Aporte teórico.....	10
1.1 Discurso e sentido.....	12
1.2 Interdiscurso e esquecimentos.....	16
1.3 Ideologia.....	18
1.4 Mecanismos de controle e poder – Michel Foucault.....	21
1.5 Silêncio.....	26
1.6 Sujeito em AD.....	27
1.7 Humor.....	32
1.8 Tipologia do discurso (lúdico, polêmico e autoritário).....	39
CAPÍTULO II – Análise discursiva das piadas.....	41
2.1 Análise e discussão.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	79

.

INTRODUÇÃO

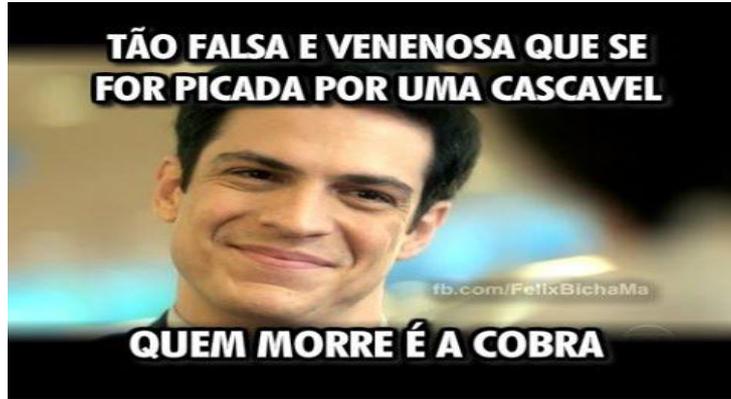
A presente dissertação consiste em uma análise discursiva dos memes que denominaremos, neste trabalho, de “piadas” do facebook. Os memes são conteúdos que se propagam rapidamente nas redes sociais. Qualquer desenho, som, palavra que seja (re) produzido rapidamente na internet é considerado um meme. Este termo foi definido pela primeira vez por Richard Dawkins, em 1976, em seu livro “O gene egoísta”, e significa “algo que é imitado”. Existem várias características e definições para o meme, mas o objeto a ser trabalhado são os memes humorísticos, os quais têm como principal característica o humor; e por isso são chamados de piadas nas redes sociais, pois são facilmente reconhecidos pelo uso de brincadeiras, jogos de palavras, ambiguidade.

É importante salientar que os memes diferem das piadas consideradas tradicionais pela sociedade, na sua estrutura e apresentação, porém possuem características similares: ambas são utilizadas como um meio de descontração. As piadas antigas eram consideradas um modo de se libertar-se dos problemas vividos no dia a dia. Mesmo com as modificações, ao longo do tempo, as relações com os problemas da época, bem como as repugnâncias presentes na sociedade, anomalias físicas, por exemplo, as piadas eram vistas como uma brincadeira, um modo de diversão, como é abordado nos postulados de Freud : “Como é que você anda? - perguntou um cego a um coxo. Como você vê – respondeu o coxo ao cego” (FREUD, 1905, p. 21).

Segundo Freud (1905), a antítese, oposição, ambiguidade e o duplo sentido são as mais importantes e férteis fontes técnicas das piadas: “Um médico, afastando-se do leito de uma dama enferma, diz ao seu marido: ‘Não gosto da aparência dela’. ‘Também não gosto e já há muito tempo’, apressou-se o marido a concordar” (FREUD, 1905, p.23). Segundo Freud (1905), o médico referia-se ao estado da senhora, em tom de preocupação, diferentemente do marido que se referia à beleza da esposa. É uma piada considerada tradicional com uma característica bem comum para causar o riso, o duplo sentido, que causa esse deslocamento do curso do pensamento de um sentido para outro.

O meme tem quase as mesmas características das piadas tradicionais, mas se apresentam de maneira diferenciada, com narrativas simplórias, textos curtos, imagens de personagens famosos ou desenhos desfigurados que ajudam a direcionar um sentido para a piada. No entanto, utiliza-se das mesmas técnicas selecionadas por Freud (1905) das piadas tradicionais: antítese, oposição, ambiguidade e duplo sentido. Não que todas essas

características devam aparecer em todos os memes ou piadas, pode ser que um ou outro fique em maior evidência, como nesse caso:



Fonte: Félix Bicha Má

A piada supracitada retrata uma ideia de quantificação, intensidade. O “tão” que inicia o período é uma consecutiva, ou seja, exprime um fato que é consequência do que se declara na oração principal. O “tão” intensifica os adjetivos “falsa” e “venenosa” mais do que a própria cobra. Apresenta também um caso de antítese, pois lendo o primeiro período (em primeiro plano) poderíamos imaginar que se trata de uma cobra, mas em segundo plano, percebemos que se trata de uma pessoa que, no caso, é mais venenosa que a cobra.

Segundo Possenti (2007), as piadas têm temas fáceis, relacionáveis às situações típicas do cotidiano, e o desfecho das narrativas é sempre um efeito surpresa, um imprevisto. Nesse contexto, as modificações tecnológicas, com o surgimento das redes sociais, retratam temas rotineiros com efeitos surpresa que causam o riso, parte fundamental em uma piada. Assim, as novas tecnologias ressaltaram os efeitos já presentes nas piadas, como os memes, pois se utilizam do humor para evidenciar e perpassar temas rotineiros que perpassam temas e valores já instaurados na sociedade.

Dessa forma, as piadas “retratam temas de valores e problemas sociais que, muitas vezes, são considerados tabus” (POSSENTI, 2001, p.1). Elas perpassam valores estigmatizados socialmente que são encobertos através do humor. Nesse sentido, podemos inferir que os textos humorísticos não são ingênuos, pelo contrário, são os melhores meios de veiculação de ideologias estigmatizadas, fragmentadas e muitas vezes até criticadas por alguns membros da sociedade atual. Possenti (2003) afirma que o inaceitável, o proibido dizer, em certas circunstâncias, encontra espaço para ser anunciado de forma subtendida nas piadas, pois é perpassado, através do riso, uma libertação ou uma negação de interdição. Ao

analisar os discursos materializados nas piadas, é possível perceber que são discursos dominantes e cristalizados no seio da sociedade.

Nesse contexto, as piadas têm uma ligação com o desejo de poder, isto é, elas são objetos de poder. Eis a citação de Foucault (2003, p. 10): “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas e os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta o poder do qual nós queremos nos apoderar”. Anula-se qualquer relação dialogal com o ouvinte, silenciando as vozes do interlocutor que, por sua vez, naturaliza esses discursos como verdadeiros e os impõe, o modo e o jeito de pensar determinados, para a sociedade. Essas relações de poder são muito comuns nas escolas, no trabalho, até mesmo no convívio familiar e se intensificam rapidamente pelas redes sociais. Para Gregolin (2007), a mídia propaga discursos e, conseqüentemente, modelos de dominação. Ela aproxima universos de toda espécie, e com a circulação e repetição constante o leitor naturaliza os discursos e sentidos rapidamente. Dessa forma, a grande questão é a naturalização dos discursos e dos sentidos. É o que acontece com as redes sociais, a página do facebook une diversas pessoas, naturaliza vários discursos e sentidos e, conseqüentemente, propaga vários modelos de dominação.

Decorre daí a importância das redes sociais na propagação de tais discursos. Sendo uma rede de circulação e veiculação de discursos, o facebook deixa perpassar facilmente diversas ideologias institucionalmente marcadas, constituindo-se uma rede social de fácil acesso. Várias pessoas, de diversos lugares do mundo, de diferentes idades e, principalmente, de diferentes culturas, trocam mensagens instantaneamente, facilitando a circulação dos discursos. As piadas ali curtidas e compartilhadas repetidas vezes circulam e perpassam ideologias sob o viés do entretenimento, ou seja, utiliza-se da brincadeira para perpassar discursos estigmatizados.

Esse espaço utilizado pelos textos humorísticos, os quais implicitamente fazem repercutir discursos dominantes, perpassam a ideia de liberdade, mas eles não são livres, não há discursos livres, pois não temos “o direito de dizer tudo, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância” (FOUCAULT, 2003, p. 9). Dessa forma, por mais que sejam protegidas pelo riso,

[...] por mais que haja circulação, que passe na TV, que venda nas bancas, que circulem nas redes sociais ou oralmente, as piadas sempre estarão à margem, porque há momentos, tempo, lugar para se contar uma piada e certas ocasiões se tornam completamente inadequadas, mesmo que o seu tema fosse limpo (POSSENTI, 2003, p.105).

Nessa direção, percebemos que os discursos são submetidos a mecanismos de controle, mesmo quando são humorísticos. Esses mecanismos controlam não só o leitor, pois, por mais que existam diversas maneiras de interpretar, não interpretamos uma piada, conforme a nossa vontade. Isso também ocorre com o locutor ou contador, por se constituir um sujeito agente da circulação de discursos dominantes, apesar de não perceber, pois esse discurso é naturalizado. É nesse contexto de dominação que concordamos com os postulados de Foucault (2003), para quem a produção do discurso na sociedade é sempre controlada, selecionada, organizada e redistribuída.

Abordaremos também a questão do humor, já que o objeto deste trabalho são as piadas, cuja constituição e materialidade utilizam-se dos mecanismos de controle e de poder, pois as piadas “são construídas por uma ideia recalcada no inconsciente” (RABUSKE, 2011, p.1). Segundo Freud (1905), utilizam-se as piadas para dizer a “verdade”, em tom de brincadeira; é como uma válvula de escape, a qual libera de maneira controlada algo reprimido. Essa liberação, segundo o teórico, é a causa do riso. Entretanto, as piadas têm o poder de simular uma liberdade, já que a circulação de temas discriminatórios, proibidos e interditados é pronunciada, sem a responsabilidade de quem os enuncia. O enunciador coloca-se em uma “posição de poder que estaria eventualmente proibido em outra situação discursiva, assim, costuma anunciar algo como ‘vou contar uma piada’, ou ‘sabe da última que ouvi?’” (ÁVILA, 2009, p. 41). O riso expressado ao final da piada torna-se uma satisfação para o enunciador, um afirmador daquilo que está sendo anunciado.

Nessa perspectiva, objetivamos neste trabalho analisar o funcionamento das piadas, para abordar as características do gênero em questão. E como elas revelam as transformações e acontecimentos da época, propomos, a partir de uma análise discursiva, tentar compreender como funcionam as ideologias que permeiam o universo social. Acreditamos ser importante analisar tais discursos e as ideologias neles implícitas e por eles perpassadas, visto que, ao analisarmos, tentaremos mostrar os lugares e posições em que os sujeitos se constituem, tentando compreender os discursos pré-construídos que interpelam os sujeitos envolvidos nesse processo (locutor e interlocutor). Por isso, tentamos chegar a uma visão crítica de tais discursos que impregnam o pensamento dos indivíduos afetados pelos discursos em circulação. A partir dessas análises, observamos como esses discursos, institucionalmente marcados, são divulgados e como eles interferem na construção de imagem do indivíduo. Dessa forma, justificamos a relevância deste trabalho.

No que diz respeito à metodologia adotada, selecionamos piadas de três páginas do facebook, no período de janeiro de 2015 a maio de 2016: Félix Bicha Má, Piadas do Gatinho

e do Bode Gaiato e uma anônima, para mostrar que não só os memes em sites de humor seguem as técnicas de piadas, mas a maioria dos memes apresentam o humor em sua constituição. Essas páginas foram escolhidas pela grande aceitação do público, pois são páginas com milhões de acessos. Analisamos três piadas de cada página. Foram escolhidas baseadas nos temas de racismo, religião e política, entretanto, muitas piadas se repetem nas três páginas, assim escolhemos piadas diferenciadas, com os temas em questão na sociedade atual. Também foi adotado o critério de maior aceitação do leitor, as piadas escolhidas foram as que tinham um número alto de compartilhamentos e curtidas. Isso se torna importante para demonstrar que a piada foi veiculada em diferentes lugares e apreciada por muitos leitores. Para facilitar as nossas análises, elaboramos as seguintes perguntas norteadoras: quais os mecanismos que fazem com que as piadas provoquem o riso no seu interlocutor? Quais os discursos perpassados nelas/por elas? Como se efetiva o humor em cada objeto analisado? Qual a função desses discursos na mídia?

À luz de tais questionamentos, é importante ainda trazer o ponto de vista da Análise do Discurso em relação à linguagem. Como bem argumenta Orlandi (2002, p. 15), “[...] a análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural”. Procuramos, então, a partir dessa afirmação, interpretar e evidenciar a relação entre o gênero analisado e o sentido produzido a partir do meio em que ele foi construído, compreendendo a ideologia perpassada nesses discursos.

Nessa perspectiva, o trabalho está dividido em duas grandes partes: o primeiro capítulo traz reflexões sobre os conceitos da Análise do Discurso, sujeito, riso e tipologia do discurso; como esses conceitos se relacionam com as piadas. Já no segundo capítulo, temos as análises das piadas relacionadas às teorias expostas no primeiro capítulo e, assim, tentaremos chegar ao objetivo proposto.

Vale dizer que, no momento, temos o objetivo de tratar o humor e a ideologia no corpus coletado deixando para o futuro uma análise específica de como o suporte midiático, as redes sociais e a internet influenciam no modo como o humor circula e causa efeitos discursivos na sociedade contemporânea.

CAPÍTULO I – ANÁLISE DO DISCURSO – APORTE TEÓRICO

A Análise do discurso é um estudo recente que chegou ao Brasil por volta de 1960 com Eni Orlandi. No entanto, a muitos anos antes já era pesquisado o discurso.

Brandão (2004) discute sobre o surgimento dos estudos linguísticos, mais tarde denominados discursivos, introduzidos pelos formalistas russos. Porém, foi a partir dos anos 1950 que surgem os trabalhos de Harris, e quase ao mesmo tempo, os de R. Jakobson, E. Benveniste. Harris ultrapassa as análises de frases, ao explicitar os procedimentos da Linguística distribucional. Já Benveniste afirma que, o locutor se apropria do aparelho formal da língua, enuncia de sua posição, levantando a questão da relação entre locutor, enunciado e mundo. Essas duas orientações vão marcar duas maneiras diferentes de teorizar o discurso: a primeira, de Harris, como extensão da linguística (perspectiva americana); a segunda, a de Benveniste, é a vertente do discurso que une a reflexão do texto com a história (perspectiva europeia).

Já nos anos de 1960, de acordo com Brandão (2004), a conjuntura intelectual francesa propiciou uma maior reflexão sobre os estudos linguísticos, formando uma articulação entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Assim, surge a Análise do Discurso, cujos princípios básicos são as noções de discurso, sujeito e condições de produção. Ainda segundo essa autora, a Análise do Discurso recebeu contribuições do filósofo Michel Foucault, as quais foram utilizadas ou redefinidas por Michel Pêcheux para as formulações dos postulados da Análise do Discurso.

Ainda conforme Brandão (2004), o teórico Michel Pêcheux, com seus estudos sobre o discurso, é o precursor dos estudos discursivos desenvolvidos na França. Pêcheux (1993) nos seus primeiros escritos, isto é, na primeira fase da AD, articula três regiões do conhecimento científico em seus postulados: 1. materialismo histórico; 2. a linguística; e 3. a teoria do discurso. Dessas três regiões, enfatizamos, o materialismo histórico. Para Pêcheux (1993), é difícil evitar, mas o materialismo histórico não deve se transformar em sociologia, pois a “região do materialismo histórico que nos diz respeito é a da superestrutura ideológica em sua relação com o modo de produção que domina a formação social considerada” (PÊCHEUX, 1993, p.165). Ou seja, a região da ideologia deve ser caracterizada por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica. Assim, rompe com todo um pensamento que ideologia é um simples reflexo ou um espelho que inverte e distorce a imagem real. A modalidade particular dessa instância ideológica consiste na interpelação (ou

assujeitamento), esta, por sua vez, não é percebida pelo sujeito. O sujeito é conduzido sem se dar conta, porém, ele tem a impressão ou ilusão de autonomia.

Também é necessária, uma breve explanação sobre os postulados de Foucault e Pêcheux, antes de apresentarmos os conceitos utilizados até hoje pela grande área da Análise do Discurso Francesa (AD). Esses dois teóricos criaram conceitos relevantes para Análise do Discurso. Porém, é importante salientar que existe uma certa discussão sobre os postulados foucaultianos na Análise do Discurso, já que Foucault não é considerado um analista do discurso. E as divergências dos conceitos, como exemplo ideologia, entre Foucault e Pêcheux causaram uma discussão sobre os postulados foucaultianos ainda maior. Mas, concordamos com Voss (2011) que corrobora os pensamentos de Gregolin, ao afirmar que a diferença de ideias entre Foucault e Pêcheux não está somente no conceito de ideologia, mas nos objetivos do trabalho de ambos. Voss (2011) ratifica os conceitos e teorias desses estudiosos que, a princípio, são opostos, pois é sabido que Foucault não foi analista do discurso, porém, isso não o impediu de conceituar, analisar discursos e refletir sobre eles. Esses conceitos foram necessários para o esclarecimentos das ideias de Pêcheux, já que Pêcheux utilizou para embasar as suas reflexões, sendo que, “não parece haver estranhamento algum entre Foucault e a AD, ao contrário, há laços cada vez mais firmes e relevantes; aliás, são laços cada vez mais difíceis de serem cortados” (VOSS, 2011, p.16). No Brasil, os postulados foucaultianos tornaram-se uma das ramificações da disciplina, tendo em vista a grande dimensão dos seus trabalhos.

Assim, a Análise do Discurso reclama constantemente os seus postulados, levando-nos à reflexão ao problematizar seus conceitos. Como bem defende Orlandi (1999, p.9): “Isso, que é contribuição da análise do discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem”.

Salientamos ainda que, a Análise do Discurso defende a opacidade do sujeito (ao contrário da transparência do sujeito cartesiano), pois todos são interpelados pela ideologia. Consoante essa área do saber, a língua não é transparente, ela não trabalha com a língua fechada em si mesma. Orlandi (2002, p. 16) acrescenta o seguinte ponto de vista: a “(AD) reflete sobre a maneira que a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua, assim trabalha-se a relação língua-discurso-ideologia”. Podemos, então, estabelecer uma relação entre sujeito, sentido e ideologia.

Para darmos seguimento à nossa investigação, passamos a comentar mais detidamente os princípios da AD que servirão para análise das piadas: discurso, sentido,

interdiscurso, esquecimentos, ideologia, silêncio e outros conceitos que poderão surgir no decorrer da análise.

1.1 Discurso e Sentido

A Análise do Discurso (AD) difere de análise gramatical ou análise da fala, pois tem como objeto principal o próprio discurso. Segundo Orlandi (1999, p.15), o discurso para a AD, “etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim entendido, como a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Ou seja, o discurso para AD é a língua em movimento, considerando as condições de produção da linguagem. Já que leva em conta o homem e a sua história. Também considera as condições de produção, isto é, análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que as falam e as situações em que se produz o dizer.

Desse modo, o discurso não é uma mensagem, transmissão de informações ou fala, pois não trata da língua como um sistema fechado. “O Discurso tem sua regularidade, tem o seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto” (ORLANDI, 1999, p. 22). Pêcheux define discurso como o efeito de sentido entre locutores.

Ainda, segundo Orlandi (1999), a Análise do Discurso não apenas interpreta o discurso, mas visa compreender a produção de sentidos. Não procura um único sentido considerado verdadeiro, mas trabalham os limites, os mecanismos, os sentidos no discurso, isto é, não é apenas um trabalho de compreensão do que está ali, mas como foram produzidos os sentidos no discurso analisado. Entretanto, os sentidos não se fecham, não são evidentes, embora pareçam ser.

Para compreender esse processo de produção de sentidos, a noção de formação discursiva é fundamental. Orlandi (1999) define formação discursiva como, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada, a qual determina o que pode e deve ser dito. Isso porque as palavras não possuem sentido nelas mesmas. Os sentidos são derivados de formações discursivas em que se inscrevem. Dependem das relações constituídas nas/pelas formações discursivas, ou seja, dependem das relações constituídas, a época, o momento.

Conseqüentemente, uma piada pode ter muita graça em um determinado ambiente e não ter graça nenhuma em outro, pois depende de como foram produzidos os sentidos ali.

As formações discursivas, por sua vez, sofreram diversas mudanças no seu conceito ao longo do tempo. No início dos estudos em Análise do Discurso, definida por Mussalim (2001) como AD-1, “Pêcheux define a formação discursiva como uma maquinaria autodeterminada, fechada em si mesma, dando a ilusão que os sujeitos eram produtores dos seus discursos” (VOSS, 2011, 22). Isto é, Pêcheux, inicialmente, acreditava que a formação discursiva era uma maquinaria autodeterminada, fechada em si mesma. Mas, ao mesmo tempo, deslocava essa teoria explicitando que a formação discursiva não era um espaço estrutural fechado, pois uma FD se constitui através de elementos exteriores, ou seja, uma formação discursiva é formada por diversas formações discursivas. Uma piada, por exemplo, constitui-se através do contexto, da sociedade, do que está evidente naquela determinada época.

As análises e críticas empreendidas por Michel Pêcheux em Análise do Discurso: três épocas (1983), sobre o modo como a noção de formação discursiva (FD), ‘tomada de empréstimo de Michel Foucault’ (1993, p.314), resultou em uma noção de ‘máquina estrutural fechada’ (ibidem) mostram que a cunhagem desse conceito nas primeiras fases da Análise do Discurso (AD) funcionou apenas para garantir as premissas marxistas de assujeitamento do sujeito do discurso a aparelhos ideológicos e repressores. É o que, nessa mesma época, em O Discurso: estrutura ou acontecimento, Michel Pêcheux chamou de ‘narcisismo da estrutura’ (2006, p.46), uma vez que o movimento descritivo-interpretativo realizado pela AD até então havia deslocado o narcisismo subjetivista do positivismo a um narcisismo estrutural materialista (VOSS, 2011, p.23).

No período chamado de AD-2, segundo Mussalim (2001, p. 119), a definição de formação discursiva de Foucault dissolve o pensamento de maquinaria discursiva, pois para este filósofo, a “formação discursiva determina o que pode/deve ser dito a partir de um determinado local social”. Mussalim (2001) explicita que as formações discursivas são marcadas por regularidades ou regras de formação que definem o que pertence (mecanismos internos) e o que não pertence (mecanismos externos) à formação discursiva.

Nesse mesmo período e após considerar os postulados foucaultianos, Pêcheux afirma que as palavras não têm sentido próprio e que o sentido se constrói a partir de uma ou mais Formações Discursivas, formações estas que resultam de discursos anteriores. “[...] as formações discursivas desaparecidas enquanto tais forneceram ingredientes que foram ‘retornados’ em diferentes formas históricas e reapropriadas na dominação ideológica, sob a forma de novas formações discursivas” (PÊCHEUX, 1993, p. 168). As formações discursivas

sempre serão invadidas por outras formações discursivas, assim a FD não pode ser uma estrutura fechada, homogênea. É nessa concepção que Foucault concebe formação discursiva como dispersão.

Porém, é na AD-3 (terceira fase da AD), segundo Mussalim (2001), que a definição de maquinaria discursiva é desconstruída. Pois, mesmo sendo entendido que as formações discursivas resultam de outras formações discursivas, acreditava-se que era possível, através de uma análise discursiva, definir o que pertence ou não a determinada formação discursiva. Não é levado em conta que os discursos não são constituídos independentemente de uma formação discursiva, mas se formam de uma maneira regulada no interior do interdiscurso, o qual será explicitado melhor posteriormente na análise do corpus.

Por enquanto, continuamos a explicitação sobre formação discursiva, cujos pensamentos corroboram os de Orlandi (1999). De acordo com os seus escritos, as formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso. Com efeito, o sentido se constrói a partir da FD (formação discursiva) e é atravessado pelo “já dito”, assim se constitui a substância das formações imaginárias (FI) e, conseqüentemente, as imagens de si mesmo e do outro. Essas imagens, segundo Orlandi (2007a), são representações imaginárias que cada sujeito faz de si e do outro, de acordo com os lugares que assumem.

Essas formações imaginárias, com a evolução da mídia, são facilmente perpassadas, pois esses discursos e modelos impostos socialmente são divulgados e generalizados, como uma mera repetição ou uniformização de modelos difundidos e impostos socialmente.

As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre serão determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele (ORLANDI, 1999, p. 43).

Nesse ponto, Pêcheux afirma que as formações ideológicas constituem as atitudes, o modo de ser dos indivíduos. O teórico, então, relaciona as formações ideológicas com as formações discursivas, “[...] a espécie discursiva pertence, assim pensamos, ao gênero ideológico” (PÊCHEUX, 1993, p. 166). As formações ideológicas comportam uma ou mais formações discursivas, ligadas entre si, determinando o que pode e deve ser dito. No que diz respeito às piadas, observamos que elas retratam uma ideologia dominante no seu contexto, com temas distintos, como pobreza, política, machismo, religião, racismo, entre outros. Esse discurso dito dominante é determinado ideologicamente. Conforme o argumento de Pêcheux

(1993, p.167): “Na realização dessas formações ideológicas de classes, diversas formações discursivas intervêm enquanto componentes”.

Nessa direção, os sentidos não são predeterminados, dependem das relações que são constituídas nas formações discursivas. Assim, ao descrevermos certos tipos de enunciados, como as piadas, com as semelhanças, conceitos, temas e regularidades, diremos que se trata de uma formação discursiva, ou seja, o enunciado deve ser compreendido na singularidade da situação, estabelecendo e buscando relações. No entanto, Orlandi (1999) evidencia que as formações discursivas não são homogêneas, elas são constituídas pela contradição. Nessa perspectiva, as palavras não tem sentido próprio, pois os sentidos não são fechados e sim incompletos. Eles não são evidentes, embora pareçam ser, por mais que nos esforcemos na produção de um texto, para fixar um sentido, ele nos escapa. É cabido dizer que, o sentido está sempre em curso, cujo ápice é a metáfora. A autora explicita que metáfora para AD não é considerada uma figura de linguagem, como a retórica; para AD, significa transferência e é definida como tomada de uma palavra por outra, substituição de uma palavra por outra.

Para Orlandi (1999), a importância dessa transferência ou substituição, em princípio, é a existência de sentido, sem metáfora não há sentido. Pois o sentido é sempre uma palavra por outra, ou uma expressão por uma proposição, nesse caso, é nessa transferência que se adquire sentido. Até mesmo palavras iguais podem significar diferentes porque se inscrevem em formações discursivas diferentes com as condições de produção diferentes.

Eis a importância das condições de produção para o sentido, elas são apresentadas de duas formas: no sentido amplo e no sentido estrito. No sentido estrito é o contexto imediato e no sentido amplo o contexto sócio histórico e o aspecto ideológico.

O contexto amplo é o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas Instituições, entre elas a Universidade, no modo como elege representantes, como organiza o poder, distribuindo posições de mando e obediência. E, finalmente, entra na história, a produção de acontecimentos que significam na maneira como cores como o negro está relacionado ao facismo, à direita, e o vermelho ao comunismo, à esquerda, segundo um imaginário que afeta o sujeitos em suas posições políticas (Orlandi, 1999, p.31).

Orlandi (1999) exemplifica as condições de produção com o sentido amplo com uma faixa colocada em um campus. Segundo a autora, o local que a faixa foi colocada, os sujeitos que a assinam (entidades de funcionários e docentes), o momento das eleições e o fato de o texto ter sido escrito em uma faixa e não em outro suporte material qualquer faz parte do contexto imediato ou o sentido estrito. Já os efeitos de sentido e a produção de acontecimentos é o contexto amplo.

Assim, para produzir um novo sentido, é necessário que as formações discursivas se articulem com várias outras FDs, um segmento discursivo se entrecruza com outros segmentos discursivos de um certo saber, de um certo grupo social, sendo levado em conta as condições de produção que são únicas. Pois, por mais que se repita um discurso, ele não é o mesmo porque as condições de produção não são as mesmas.

Essas articulações de várias FDs leva a um armazenamento, uma memória que é chamada de interdiscurso que passaremos a comentar nesse próximo item.

1.2 Interdiscurso e os Esquecimentos

Interdiscurso, para Orlandi (1999), deve ser tratado como memória discursiva. E nessa perspectiva, a memória é o armazenamento de algo já falado, em outro lugar, “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 1999, p.31). A memória é a retomada de conceitos já ditos, arquivados e esquecidos. Torna-se coletiva, pois todos esses já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, marcados pela ideologia e pelas posições relativas do poder têm um efeito no discurso dito em outro momento, em outro lugar e atingem sujeitos, apesar de suas vontades, isto é, as palavras não são particulares, não pertencem a um indivíduo.

Segundo Orlandi (1999), o sujeito imagina que o discurso lhe pertence, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. “O fato de que há um já dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (ORLANDI, 1999, p. 32). Destarte, como já foi dito anteriormente, as palavras não carregam consigo a sua significação, o sentido é produzido a partir das formações discursivas que se entrecruzam, e essas articulações de várias FDs é o interdiscurso.

Ainda segundo a mesma autora, há uma relação entre o já dito (interdiscurso) e o dizível (intradiscurso), pois para a constituição de sentido não necessita apenas do já dito, mas o que é dito naquele momento em condições dadas, isto é, o intradiscurso é aquilo que se dizem um dado momento, em condições dadas (articulação). Por outro lado, o interdiscurso é a associação das formações discursivas, pois o interdiscurso é o pré-construído, que corresponde àquilo que falamos antes, em outro lugar, e foi esquecido.

Trazemos, novamente, os postulados de Orlandi (2007a), segundo a qual a produção de sentidos resulta do jogo que é estabelecido entre o intradiscurso e o interdiscurso, pois o

intradiscurso é determinado pelo interdiscurso.

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos (ORLANDI, 1999, p. 33).

A autora (1999) adverte que é preciso não confundir interdiscurso com intertexto. Este é a relação de um texto a outros textos, sendo uma definição muito restrita, já aquele mobiliza as relações de poder, mas a sua definição torna-se mais ampla. Nesse contexto intertextual, o esquecimento não é estruturante como para o interdiscurso.

O esquecimento afeta a memória discursiva. Orlandi (1999) afirma que o teórico Michel Pêcheux distinguiu duas formas de esquecimento: O esquecimento número um corresponde ao chamado sonho adâmico, para Pêcheux, isto é, o locutor sujeito imagina ser a origem de todo o dizer, relacionando-o às piadas. Podemos afirmar que o que está sendo dito nas piadas já foi dito em outro lugar, em outro momento, reforçando a visão de que não possuímos enunciados novos. Nesse ponto, essa afirmação concorda com os postulados foucaultianos sobre não haver discursos totalmente novos, pois não somos a origem do dizer. Pêcheux (1993) adverte que o fato de se tratar de uma ilusão do sujeito, o discurso não é originário desse sujeito, mas se realiza nele.

Já o esquecimento número dois corresponde ao esquecimento parcial e semiconscente. É outra maneira de dizer, ou seja, o sujeito não é o originário do dizer, mas utiliza-se de paráfrases que apontam outra forma de dizer o que já foi dito.

Orlandi (2002) retrata o esquecimento número dois com um exemplo simples, com a frase “sem medo” que poderia ser dito “com coragem” ou “livremente”, pois ao falar, fazemos de uma maneira e não de outra, formando famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro.

Pêcheux (1993) evidencia que existe uma oposição entre os dois tipos de esquecimentos que, para o autor, é algo social que reorganiza (com paráfrases) o dizer. No esquecimento número um, o sujeito é marcado “pelo caráter da identificação imaginária onde o outro é um outro eu (outro com o minúsculo)” (PÊCHEUX, 1993, p. 177). É ideológico porque pertence à instância do inconsciente afetado pela ideologia, o sujeito imagina-se ser a origem do dizer. No entanto, os discursos não se originam no sujeito, os discursos já estão em processo e os sujeitos entram nesse processo. Já o esquecimento número dois é o processo de

interpelação-assujeitamento do sujeito, é imparcial e semiconscente. Para o teórico, há um efeito sujeito porque a tomada de posição não consiste em um ato original, isto é, já existe um discurso no interdiscurso, o que muda são as posições do sujeito, que é interpelado pela ideologia. Assim, o dizer pode ser dito de vários outros modos, “é assim que as palavras significam, retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que as palavras adquirem sentido” (ORLANDI, 1999, p.36).

Dessa forma, ao retomar palavras já existentes, “sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras” (ORLANDI, 1999, p.36), esse retorno traz à baila os processos parafrásticos e polissêmicos. O processo parafrástico pode ser identificado em todo dizer, pois é algo que se mantém, é a retomada de conceitos já arquivados, memória, são diferentes formulações do mesmo dizer. Já os processos polissêmicos são uma ruptura dos processos de significação, a qual joga com o equívoco.

Se o real da língua não fosse sujeito à falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos e nem dos sentidos. É porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa. Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos, nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados (ORLANDI, 1999, p.37).

Assim, o indivíduo é interpelado em sujeito pela identificação com uma formação discursiva dominante, já que o sujeito é determinado pelos pré-construídos. Os processos de paráfrase e polissemia só complementam, segundo Orlandi (1999), a ideologia em todo dizer, pois é na língua que a ideologia se materializa. Pêcheux percebeu que ideologia não tem história, na medida em que ela se caracteriza por uma estrutura e um funcionamento tais que fazem dela uma realidade não histórica. Assim, a afirmação que a “ideologia interpela os indivíduos em sujeitos designa exatamente que o não sujeito é interpelado-constituído, em sujeito pela ideologia” (PÊCHEUX, 1997, p. 155).

Nesse sentido, seguiremos com o termo ideologia, visto que é o conceito primordial para a nossa análise.

1.3 Ideologia

Ideologia é um conceito muito debatido por diferentes épocas e áreas do conhecimento. Iniciaremos com as primeiras discussões sobre o termo para melhor

exemplifica-lo e utilizá-lo, tamanha a importância subentendida não só nas piadas, mas em qualquer discurso proferido.

No início, em suas primeiras discussões, a ideologia era vista como irrealista, sem fundamento e perigosa para a ordem estabelecida. Segundo Brandão (2004), a ideologia era entendida como ciência positiva do espírito, sem um conceito científico mais definido.

Já para os teóricos Max e Engels, inicialmente, em seus estudos, ideologia era a separação das produções das ideias e as condições sociais e históricas. Chauí (1980), explica essa afirmação sobre ideologia, afirmando que o termo ideologia surgiu para designar uma atividade científica do estudo do pensar, tratando as ideias como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano com o meio ambiente. Chauí ainda afirmava que “um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tomar as ideias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais ideias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as ideias elaboradas” (CHAUÍ, 1980, p. 5).

O homem surge, então, como um ser muito peculiar: por seu corpo, é uma máquina natural e impessoal que obedece à causalidade eficiente; por sua vontade (ou por seu espírito, onde a vontade se aloja), é uma liberdade que age em vista de fins livremente escolhidos. Pode, então, fazer com que seu corpo, atuando mecanicamente, sirva aos fins escolhidos por sua vontade (CHAUÍ, 1980, p. 5).

Considerando a origem dos conceitos sobre ideologia, já explicitados, percebemos que esse termo não surgiu com os estudos de Pêcheux e nem com a ADF, ele já existia em diferentes áreas, as quais, em alguns pontos, relacionam-se aos postulados de Althusser, pois, segundo este autor, a classe dominada submete-se às relações e às condições de exploração através da repressão ou pela ideologia. Althusser também afirmava que a ideologia se materializa em atos concretos, sendo que a prática só existe em uma ideologia, e é a ideologia que interpela os indivíduos como sujeitos. Seguindo esse pensamento, a ideologia não seria um conjunto de representações, de pensamentos abstratos e nem ocultação da realidade, contrariando a afirmação de Chauí sobre ideologia.

Assim, percebemos que o termo ideologia foi sendo pesquisado, ao longo do tempo, sofrendo mudanças, por ser algo complexo. E esses estudos chegaram ao conceito que ideologia faz com que o indivíduo tenha uma visão ilusória da realidade, traz valores e ideais constituídos dentro de um sistema de regras. Mas foi através desses debates que a AD afirma que “a ideologia não é ‘x’ mas o mecanismo de produzir ‘x’” (ORLANDI, 2007a, p.30).

Nessa perspectiva, a ideologia para AD transcende as ideias e torna-se a naturalização das construções transparentes produzidas pela história.

Orlandi (2007a) afirma que ideologia não é ocultação de conteúdo, mas uma função necessária entre linguagem e mundo, pois a ideologia é o efeito entre a relação sujeito, língua e história, visto que o fato de não haver sentido sem a interpretação confirma a presença da ideologia. E que a ideologia é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos, sendo necessário o indivíduo ser interpelado pela ideologia para se produzir o dizer.

Para Orlandi (2007a), é a ideologia que produz o efeito de evidência no discurso, sustentando os já ditos que foram institucionalizados e admitidos como “naturais”, assim o sujeito toma como suas as palavras produzidas pelo interdiscurso. É importante ressaltar que a ideologia dá um efeito de simulação dos conteúdos e não ocultação, ou seja, não oculta e sim simula a interpretação em apenas uma direção que, por sua vez, é determinada pela relação da linguagem com a história e seus mecanismos imaginários. Dessa forma, a ideologia direciona a uma única interpretação, daí o efeito de evidência, a ilusão referencial de que o sujeito é produtor do seu próprio dizer.

Um exemplo de interpelação da ideologia pelas piadas seria uma piada machista, a qual infere que o machismo é passado de pai para filho. A piada quer perpassar e convencer os seus ouvintes quanto ao discurso machista impregnado no ser humano, pois é hereditário, está incrustado no corpo, não tendo como não ser machista. Essa é uma formação ideológica concentrada na superioridade do homem e induz, conseqüentemente, a inferioridade feminina. Logo, temos duas formações discursivas, sendo que a segunda é subordinada à primeira e as duas tratam da mesma coisa, as relações antagônicas: superioridade e inferioridade. Para um se elevar, é necessário que o outro seja inferiorizado.

Segundo Brandão (2004), a ideologia não pode se expor, tornar-se explícita, pois corre o risco de perder-se. Assim, acontece nas piadas, a ideologia está caracterizada através das lacunas, dos silêncios, da ambigüidade e, principalmente, do jogo das palavras. Desse modo, através do riso perpassam todos os valores estigmatizados de uma sociedade. Um analista do discurso, ao fazer a análise de uma piada, consegue observar valores e crenças de uma determinada época. Isso se dá porque “a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são históricos sociais” (BRANDÃO, 2004, p. 11).

A Análise do Discurso sustenta que o sujeito é o resultado dessa relação existente entre história e ideologia. Essa afirmação da AD corresponde à sua terceira fase, que vê o sujeito como consciente e inconsciente. É a contribuição da psicanálise para a Análise do

Discurso, o sujeito era visto com uma concepção autogerada, produzida. No entanto, o sujeito não é produzido e nem autogerado, e sim constituído. Abrindo-se mais uma questão polêmica, a de ideologia e inconsciente, é possível estabelecer dois conceitos diferenciados que colocam em debate a noção de sujeito ideológico e o sujeito de direito. Segundo Henge & Behenck (2008), a ideologia relaciona esses dois sujeitos (de direito e antológico). Lembrando que o sujeito discursivo é pensado como posição, um lugar que ocupa para ser sujeito do que diz.

Explicitaremos mais adiante as questões sobre o sujeito. Por ora, por mais que o sujeito possua uma semiconsciência, ele não pode evitar a interpretação, pois ela é aberta, incompleta, mas não é livre. Há mecanismos de controle em todo efeito de sentido, é o que passaremos a discutir.

1.4 Mecanismos de Controle e Poder – Michel Foucault

Segundo Foucault (2003), todo discurso é selecionado, distribuído e organizado, até mesmo as piadas.

[...]ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes) enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. Gostaria de recordar sobre este tema uma anedota tão bela que, se teme, seja verdadeira. Ela reduz a uma só figura todas as coerções do discurso: as que limitam seus poderes, as que dominam suas aparições aleatórias, as que selecionam os sujeitos que falam.

Mesmo sendo considerada uma forma de entretenimento, as piadas perpassam certos conceitos estigmatizados na sociedade pelo discurso. Segundo Gicomoni e Vargas (2010), estudiosos dos postulados de Foucault,

[...] primeiramente precisamos compreender que discurso é uma prática que constrói seu sentido nas relações e no enunciado em pleno funcionamento. Outro ponto, é saber que os discursos possuem um suporte histórico e institucional que permite ou proíbe sua realização, ou seja, são regidos por regras específicas (GIACOMONI E VARGAS, 2010, p.122).

Dessa forma, os discursos são regidos por regras específicas que, segundo os argumentos de Foucault (2003), consistem em mecanismos que controlam o discurso. Para este filósofo, alguns discursos são proibidos, haja vista a oposição existente entre os discursos ditos verdadeiros e os falsos, de acordo com a posição que eles são enunciados socialmente,

pois não se pode falar de tudo em qualquer lugar. Um exemplo, as piadas por serem caracterizados como humorísticos, não podem ser compartilhados em qualquer lugar, até mesmo porque a maioria das piadas é construída a partir de temas considerados tabus.

Nesse sentido, para a liberação desses temas considerados proibidos pela sociedade, as piadas utilizam-se de uma característica fundamental: o humor, referendado pelo elemento cômico, o entretenimento como objeto de poder. Esse desejo de dominação e de poder são mantidos por certos procedimentos de controle e delimitação dos discursos que, segundo Foucault (2003), podem ser *internos* e *externos*.

Faz parte dos procedimentos externos a exclusão. Esta se configura em três outros procedimentos: a interdição, a separação e rejeição, e a vontade de verdade. A partir da interdição, que é o procedimento mais familiar, Foucault (2003) aponta outros procedimentos de exclusão: o tabu do objeto; não se tem direito de dizer tudo, não se pode contar uma piada, por exemplo, com a temática sobre sexo, em qualquer lugar. Além desse aspecto, o autor considera o direito privilegiado do sujeito que fala. No que diz respeito ao nosso objeto de estudo, não é qualquer um que pode falar ou que tem o direito de falar; o enunciador, ou nesse caso, o contador das piadas, necessita ter autoridade, não é qualquer um que conta uma piada.

O teórico ainda elenca o ritual da circunstância, não se pode falar em qualquer lugar, de qualquer coisa. Quanto ao nosso objeto, observamos que, a maioria das piadas, principalmente as ofensivas, com temas de racismo, sexo e insultos à sociedade, não podem ser expostas em qualquer rede social explicitamente. Logo, o sujeito deve ser institucionalmente autorizado a falar, em um lugar específico. Ainda segundo Foucault (2003), essas três interdições se unem, reforçam-se e se compensam, formando uma grade complexa que atinge o discurso e revela a ligação do desejo e do poder, tornando-se objeto de ambição, pois “o discurso é o poder do qual nós queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 2003, p. 10).

Foucault (2003) apresenta outras formas de exclusão: separação e rejeição e a vontade de verdade. Esta é a qual é a terceira forma de exclusão: a oposição do verdadeiro e do falso: o tipo de separação que rege a nossa vontade de verdade.

O discurso dito verdadeiro, desde a alta Idade Média, reinava e era o discurso pronunciado por alguém de direito, conforme o ritual requerido. Sendo assim, o sujeito deveria submeter-se ao discurso dito verdadeiro, ao qual tem respeito e medo. Foucault ainda explicita que, com o passar dos anos, o discurso verdadeiro não é o mais desejável, o considerado discurso precioso, ligado ao poder. Essa mudança é notada mais à frente, quando discorreremos sobre os discursos modernos. Por ora, é importante sabermos que, mesmo com

os discursos modernos, só há novas formas de vontade de verdade. Não há discursos considerados novos; essa vontade de verdade traz a questão de desejo e de poder novamente à tona. Mesmo que o discurso verdadeiro não possa reconhecer essa vontade de verdade, esta é imposta implicitamente, e só “nos aparece uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal” (FOUCAULT, 2003, p. 20).

Sobre os procedimentos *internos* aos próprios discursos, Foucault os denomina assim porque os discursos exercem o seu próprio controle. São acontecimentos e acasos que se configuram em comentário, a autoria e a disciplina. No que diz respeito à disciplina, esta é definida como sendo um conjunto de métodos, um jogo de regras e definições. A disciplina “fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma ritualização permanente das regras” (FOUCAULT, 2003, p. 36). A disciplina é constituída de erros e verdades e, para haver disciplina, é preciso que haja possibilidades de formular proposições novas.

No interior de seus limites, cada disciplina reconhece proposições verdadeiras e falsas, mas ela repele, para fora de suas margens, toda uma teratologia do saber. O exterior de uma ciência é mais e menos povoado do que se crê: certamente há a experiência imediata, os temas imaginários que carregam e reconduzem sem cessar crenças sem memória (FOUCAULT, 2003, p. 33).

Para Foucault (2003), antes de a disciplina declarar-se verdadeira ou falsa, deve encontrar-se no verdadeiro. Mas, mesmo se encontrando no verdadeiro, deve obedecer a certas regras, a uma “polícia” discursiva, que é um controle de funcionamento discursivo. Nesse sentido, Foucault define um terceiro grupo de procedimentos que permitem o funcionamento controlado do discurso. Esse procedimento não domina os poderes que o discurso tem ou exerce, mas impõe certo número de regras aos indivíduos que os pronunciam, é a rarefação dos sujeitos que falam; quer dizer, o sujeito, para se pronunciar, deve obedecer a certas exigências ou deve ser qualificado para tal ato. A forma mais superficial e visível dos sistemas de restrição é o ritual.

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados), define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites do seu valor de coerção. Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos. Não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos (FOUCAULT, 2003, p. 39).

Foucault ainda apresenta as sociedades do discurso, que têm por função conservar e produzir discursos para um pequeno grupo, a minoria da sociedade. Esses discursos circulam em um espaço fechado, não sendo permitida a sua distribuição, por isso possuem regras restritas, diferentemente da doutrina, que é conhecida e divulgada, circulada em espaços abertos. Porém, a doutrina, mesmo sendo divulgada e distribuída, não é livre, pois, como todo discurso, é controlada por mecanismos. Assim, os contadores de piadas constituem uma sociedade de discurso, pois se considerarmos os meios os quais essas piadas são veiculadas, podem igualmente serem autorizadas pelos contadores de piadas, os quais possuirão regras para a divulgação, tornando-se uma sociedade do discurso.

Em *Vigiar e punir* (2008), Foucault defende o controle do discurso e o controle de corpos. Esse controle, nos séculos XVI e XVII, era exercido sobre o corpo, o qual sofria os castigos pela desobediência. Apesar de atualmente os castigos não serem físicos, ainda existem. Assim, a disciplina foi incluída no processo punitivo, a fim de controlar, modelar e manipular os corpos, transformando-os em corpos dóceis. Essas novas técnicas são nomeadas de arte das distribuições. Esta, por sua vez, trata da arte de distribuir os indivíduos no espaço, controlando o corpo, é uma espécie de coerção sem folga. Com efeito, é realizada sobre o corpo uma sujeição constante, impondo uma relação de docilidade-utilidade, chamada de disciplina. Esse controle é mais facilmente aplicado num local fechado, protegido, onde os corpos poderiam ser individualizados (clausura) e distribuídos, segundo a sua classificação; cada qual no seu lugar (quadriculamento), onde possam isolá-los e localizá-los. Quanto a essa caracterização, entendemos que o facebook torna-se um ótimo aparelho de vigilância. Ele pressupõe uma individualização, pois cada pessoa possui o seu perfil. De fácil acesso, mas ao mesmo tempo, controlado e vigiado, pois é coletivo. Todos os compartilhamentos, curtidas e publicações são vistas por quem está adicionado ao perfil. É o chamado poder disciplinar, para Foucault (2008, p. 143), “[...] o poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”.

E, para o adestramento de corpos e mentes, Foucault demonstra instrumentos simples, recursos que servem para o sucesso do poder disciplinar: a vigilância hierárquica é uma delas. O autor explicita que, desde a época clássica, desenvolveram-se técnicas de vigilância, “observatórios da multiplicidade humana” (2008, p. 143). “Todo o poder seria exercido somente pelo jogo de uma vigilância exata; e cada olhar seria uma peça no funcionamento global do poder” (2008, p. 144). Compreendemos que tal poder é exercido nas redes sociais a cada compartilhamento, não só de piadas, mas de músicas, pensamentos, status

e fotos. Com efeito, o indivíduo é vigiado pelos demais membros do compartilhamento, que apoiam ou recriminam tais atos publicamente, através do curtir, comentar ou compartilhar.

Outro instrumento do poder disciplinar é a sanção normalizadora. Esta funciona como um mecanismo penal, mas não tão punitivo como o do século XVI; ela reprime o comportamento dos indivíduos. Segundo Foucault:

[...] para penalizar atrasos, desatenção, negligência, grosseria, desobediência, tagarelice, sujeira, imodéstia ou indecência é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e às pequenas humilhações (2008, p. 149).

Esse castigo disciplinar tem o objetivo de ser corretivo. Para o autor, este elemento faz parte de um sistema duplo: gratificação-sanção, muito utilizado pelos professores após os exames, os quais, por sua vez, consistem em outro recurso para o adestramento, pois o exame “[...] combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza” (FOUCAULT, 2008, p. 154). O exame, além de medir a capacidade de aprendizado dos alunos, compara um com o outro, classificando-os em melhores e piores. Há a passagem de conhecimento do mestre para o aluno, mas não há uma troca de conhecimentos do aluno em relação ao mestre. Quanto ao nosso objeto de estudo, depreendemos que há igualmente uma classificação dos sujeitos capazes e incapazes de contarem piadas.

Enfim, o que se objetiva com todas essas técnicas disciplinares é a construção de um indivíduo disciplinado, mas para isso necessita de uma instituição peculiar, de muita vigilância e observação. Foucault sugere como figura arquitetural dessa composição o Panóptico de Bentham, este tem como seguinte efeito considerado mais importante:

[...] induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com o que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício, que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores (FOUCAULT, 2008, p. 166).

No que concerne às redes sociais, estas dão uma ilusão de liberdade ao usuário, fazendo-o acreditar que é o detentor ou o criador do seu próprio perfil. Mas há a vigilância dos demais membros, que o apoiam em cada clique, em cada curtida; ou o reprovam por não compartilhar, por não curtir, isso seria a punição e controle dos discursos. Enfim, entendemos que a comunidade das redes sociais exerce uma relação de poder dada pelo próprio usuário.

Pois, através de um site, página ou perfil, unem-se as pessoas que são separadas por culturas diferenciadas e ao mesmo tempo as isola, não possuindo um contato expressivo com as pessoas, já que as relações são superficiais. Nesses termos, o facebook pode ser assemelhado à figura panóptica.

Outra forma de poder é o silêncio, mais estudado por Orlandi. Neste item discutiremos melhor os postulados dessa estudiosa.

1.5 Silêncio

Por entendermos que o silêncio é importante para a análise do nosso corpus, trazemos à baila os postulados de Orlandi (2007b) sobre o silêncio, para quem o silêncio é fundante, não por ser originário, mas constitutivo, ou seja, parte integrante do próprio discurso, pois as palavras são atravessadas de silêncio, e é no interior desse silêncio que elas significam. Trata-se do silêncio fundador, ou fundante, princípio de toda significação:

[...] é a própria condição de produção de sentido. [...] não é o vazio, ou o sem sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa [...] silêncio como sentido, como história (silêncio humano), como matéria significante. O silêncio de que falamos é o que se instala no limiar do sentido. [...] ele é o que há entre as palavras, entre as notas de música, entre as linhas, entre os astros, entre os seres. [...] (ORLANDI, 2007b, p. 68).

Neste sentido, a referida linguista afirma que não existe linguagem sem silêncio, o mesmo pode ser entendido não como o ato de calar, mas o que está atrelado ao próprio discurso. Além disso, há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido. Esse silêncio constitutivo nas palavras “[...] nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não dito” (ORLANDI, 2007b, p. 12).

Ainda de acordo com Orlandi (2007b), o silêncio possui diferentes formas de significar, há uma distinção entre o silêncio fundador e a política do silêncio. O primeiro é aquele que existe entre as palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições de significar. Já o segundo, por seu turno, apresenta-se em: silêncio constitutivo, o que nos indica que, para dizer, é preciso não-dizer; e silêncio local, que se refere à censura, àquilo que é proibido dizer.

A autora assim define a política do silêncio:

[...] se define pelo fato de que, ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, [...] produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz [...] a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o antiimplícito: se diz 'x' para não (deixar) dizer 'y', este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se querem evitar, sentidos que poderiam instalar um trabalho significativo de uma 'outra' formação discursiva, uma 'outra' região de sentidos [...] determinando conseqüentemente os limites do dizer (ORLANDI, 2007b, p. 73-74).

Já em relação à censura, Orlandi (2007b) a compreende enquanto fato de linguagem que se inscreve em uma política da palavra, produzindo efeitos de sentido permitidos e sentidos proibidos. A autora analisa tanto a censura quanto a recusa de se submeter a ela, procurando definir o modo como as diferentes formas de silêncio trabalham os processos de produção de sentidos. Os sujeitos submetidos a ela, à censura, não podem dizer o que sabem ou que supõem que saibam; não é porque os sujeitos não têm informações ou porque não sabem das coisas que não dizem. O silêncio da censura não significa ausência de informação, mas interdição. Neste ponto, podemos relacionar esse silenciamento ao silêncio das vozes de Foucault (2003). Para este autor, o silêncio corresponde ao ato de calar-se, ou seja, de imposição ao sujeito, fazer calar-se, silenciar. Assim é a relação do silêncio com as piadas, o entretenimento é usado para produzir desdobramentos de sentidos, simulando um discurso inocente daquilo que não deve ser dito e faz calar-se. Até mesmo as redes sociais, consideradas a forma mais inovadora de relacionamento social, por ser prática e rápida, também se utiliza do silêncio para assujeitar o indivíduo. Vamos explicitar melhor sobre o sujeito nesse próximo item.

1.6 Sujeito em AD

Nas três fases da Análise do Discurso (AD-1, AD-2 e AD-3), o conceito sobre sujeito modifica-se. Segundo Mussalim (2001), AD-1, o sujeito não é concebido como um sujeito que fala, pois ele é assujeitado à maquinaria. Assim, uma instituição, uma teoria ou ideologia fala por ele. Já na segunda fase da AD (AD-2), foi percebido que o sujeito pode ocupar diferentes papéis de acordo com as suas posições discursivas. No entanto, o sujeito não se torna livre, apesar das diferentes posições, porque as formações discursivas são reguladas pelas formações ideológicas. Essa modificação de conceito sobre o sujeito é devido às influências dos estudos sobre ideologia que, por sua vez, confirma a existência do sujeito ideológico cancelando a existência do sujeito individual. A AD-3 ampliando os estudos para

outras áreas do conhecimento, incorporando a teoria do inconsciente, classificou o sujeito como clivado: está dividido entre o consciente e inconsciente. O sujeito, ao ser interpelado pela ideologia, é levado a ocupar seu lugar, a identificar-se ideologicamente, tendo a ilusão de que é dono da sua própria vontade.

Para Mussalim (2001), foi a partir da AD-3 que o sujeito passa a ser visto como heterogêneo, assim como o discurso, porque é nesse “aspecto que o discurso para AD aponta para a relação língua com a história, assim o sujeito com os sentidos. Os sentidos não existem independentes daqueles que os identificam” (HENGE & BEHENCK, 2008, p.5). Os sentidos mudam, assim como as posições do sujeito mudam e, por suas várias posições discursivas, sofre várias coerções de formações ideológicas e discursivas, demonstrando a importância da ideologia na constituição tanto de um sentido como de um sujeito.

Pêcheux (1997) na AD-3, introduz a ideia de bom sujeito e mau sujeito. No âmbito dessas discussões, podemos afirmar que a piada surge no contexto de contradiscurso, principalmente, no que diz respeito aos aspectos relacionados ao “politicamente correto”. Os contadores/produtores de piada se contra identificam com esses discursos, perpetuando determinados estigmas.

Segundo Orlandi (1999), esse sujeito ao mesmo tempo livre e submisso é representado pela forma-sujeito, o qual “é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento” (ORLANDI, 1999, p.50). Dessa forma, o sujeito está assujeitado à língua, à cultura, à etnia. Mas ele pode se deslocar de uma FD para outra. Fazendo isso, ele passa a ser interpelado por novas formações ideológicas.

Orlandi (1999) exemplifica como a forma-sujeito, com as transformações das relações sociais, faz o homem ser livre, imaginar que está fazendo uma escolha e submisso porque as escolhas já foram selecionadas socialmente.

Com a transformação das relações sociais o sujeito deve tornar-se seu próprio proprietário, dando surgimento ao sujeito de direito com sua vontade e responsabilidade. A subordinação explícita do homem ao discurso religioso dá lugar à subordinação, menos explícita, do homem às leis: com seus direitos e deveres. Daí a ideia de um sujeito livre em suas escolhas, o sujeito do capitalismo. A crença na Letra (submissão a Deus) dá lugar à crença nas Letras (submissão ao Estado e às Leis). Crença nas cifras, na precisão, sustentada pelo mecanismo lógico (se... então; ou... ou). Essa é uma submissão, menos visível porque preserva a ideia de autonomia, de liberdade individual, de não determinação do sujeito. É uma forma de assujeitamento mais abstrata e característica do formalismo jurídico, do capitalismo (ORLANDI, 1999, p. 51).

Orlandi (1999) ainda acrescenta que a noção de sujeito de direito se distingue da de indivíduo. Isso porque o sujeito de direito é efeito de uma estrutura social, ou seja, é efeito da sociedade capitalista. Essa submissão e a apresentação de um ser livre dá uma certa ilusão de que o discurso é um instrumento do pensamento e um reflexo límpido e justo da realidade.

Vale ressaltar ainda que o efeito da sociedade capitalista possui padrões que sempre se repetem com a finalidade de formar uma estética ou percepção comum voltada ao consumismo, ou seja, indústria cultural, termo usado por filósofos, Adorno e Horkheimer. Esse termo, indústria cultural, remete às produções artísticas e culturais no contexto capitalista de produção. No entanto, tem como fundamento, orientar outras indústrias, já que são adaptados ao consumo de massa, mas transformam seus indivíduos em objetos não permitindo uma autonomia consciente.

A indústria cultural é toda e qualquer fonte de informação, televisão, rádio, jornais e revistas e, principalmente as redes sociais, o facebook, que por sua vez, condicionam o sujeito a uma manipulação, acaba por moldar opiniões. Essas redes sociais condicionam o sujeito a formas e modos de relacionamentos compartilhados, os quais ditam e perpassam regras que são mecanismos de controle. São frutos do capitalismo. Nesse âmbito, Bauman (2007) atribui ao capitalismo a responsabilidade da transformação dos sujeitos em seres dependentes, como uma necessidade de algo para guiá-los ou dizer como proceder, este meio é a mídia.

Esses sujeitos modernos tornam-se uma “presa” fácil para a mídia. Pois, segundo Tfouni (2014, p.117): “O sujeito imagina que está fazendo uma escolha livre, sem perceber que ele não escolhe; é o Outro que escolhe por ele”, porque, ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas. Para Orlandi (1999), o sujeito é determinado duplamente: pela língua e pelo mundo. Pela língua com seus deslizos, efeito metafórico, a transferência e as palavras que fala com outras; pelo mundo, fatos que reclamam sentidos, a memória discursiva, por um saber, poder e dever dizer. Já, para Tfouni (2014) o sujeito atual está desolado, sem rumo, pois se rende à tecnologia, ao consumismo, à riqueza, ao poder, ao saber, que são produtos do capitalismo, ao mesmo tempo é projetado para sentimentos de medo, ansiedade, etc. Por conseguinte, há uma ilusão de autonomia, pois ele está sendo manipulado, moldado pelos valores do capitalismo, que o guia, implantando crenças como verdades absolutas. No entanto, é importante deixar claro que não são somente os desenvolvimentos sociais, econômicos e tecnológicos corresponsáveis para que o indivíduo fosse facilmente manipulado, não quer dizer que antes ele não o era ou que começaram a ser com a tecnologia.

Como bem define Orlandi (1999, p. 53): “A linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz. E o faz não ficando apenas nas evidências produzidas pela ideologia”. Orlandi (1999) acrescenta:

[...] o interdiscurso –a memória discursiva – sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos. É sobre essa memória, de que não detemos o controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. Como sabemos, aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos. Resta acentuar o fato de que este apagamento é necessário para que o sujeito se estabeleça um lugar possível no movimento da identidade e dos sentidos: eles não retornam apenas eles se projetam em outros sentidos constituindo outras possibilidades dos sujeitos se subjetivarem (ORLANDI, 1999, p.53).

As condições de produção também são um ponto fundamental, pois o indivíduo não está fora da sociedade. Os aspectos sociais interferem nos efeitos de sentido do processo interlocutivo. Pêcheux (1993) defende que não há discurso que trate necessariamente de uma transmissão de informações entre A e B, mas de um efeito de sentido entre A e B. Isso afetaria as posições dos sujeitos. No entanto, pela instância da formulação, o sujeito já possui a sua posição determinada, e ele já está interpelado ideologicamente, afetado pela vontade de verdade, pelas suas intenções, etc., que aparecem como significados aparentemente universais e eternos que dá a impressão de que há apenas um sentido e que esse sentido é o verdadeiro. No entanto, “o sentido não se historiciza, é ininteligível, ininterpretável, incompreensível” (ORLANDI, 2007a, p.70).

Apesar de uma ilusão de autonomia, foram eleitas regras pelas instituições, pelos processos econômicos e sociais. Nesse ponto, discordamos de Bauman (1999) quando infere que o panóptico de Bentham é uma relação de poder ultrapassada, pois pensamos que as condições modernas são produzidas por relações de poder. Elas se policiam, criticam e vigiam membros ou sujeitos de uma sociedade. Acrescentamos que, a fuga do panóptico seria impossível, pensando sobre o avanço da tecnologia. O indivíduo não é mais obrigado a estar em um determinado lugar, a rede social o conecta onde ele estiver e, ao conectá-lo, vigia-o. O sujeito conectado subordina-se à rede social, pois sem ela o indivíduo se sente “morto” perante a sociedade. O vício do sujeito pelas redes faz com que todos os vínculos sociais, (amizades, entretenimento, relacionamentos amorosos), a vida social esteja diante da tela do computador. A velocidade do movimento e a facilidade do acesso são as principais ferramentas do poder e de dominação. Ao passo que está aprisionado a uma tela do computador, o sujeito vive uma vida fictícia e ali serão compartilhadas todas as suas emoções, sentimentos, opiniões, ou seja, toda uma construção de valores, institucionalmente vigiada.

Em outros termos, um sujeito conectado e viciado a uma rede social, a qual facilita a vigilância ininterrupta e as condições de aprisionamento, como o panóptico de Bentham descrito por Foucault.

Nesse sentido, as redes sociais reiteram a existência do assujeitamento ideológico, pois interpela o indivíduo e o força a assumir uma posição, aprisionando o sujeito aos discursos já estigmatizados pela sociedade. Essa relação de poder se dispersa, “circula a partir de uma rede entre os indivíduos, funciona em cadeias, transita por cada um, antes de reunir-se num todo” (DOSSE, 2007, p. 309), como não possui um centro, fixo do poder,

Onipresente, não pode oscilar nem cair, está em cada um, tudo é poder, por toda parte, não está, portanto, centrado em nenhuma parte. A resistência ao exercício de tal poder deixa de ter, por conseguinte, um objeto. A análise de Foucault tem o imenso mérito de convidar a que não se confunda numa mesma realidade o poder e o Estado, mas frequentemente à custa da negação da existência de um Estado, em proveito de um olhar exclusivo que se fixa no corpo (DOSSE, 2007, p.310).

Nesse sentido, argumentamos que a modernidade trouxe consigo um controle mais eficaz e menos punitivo, no entanto, mais resistente. Foucault (2008) já havia observado essa substituição do poder que se manifestava nos suplícios corporais e com o passar dos anos tornou-se disciplina. A disciplina fortifica um valor moderno que é o mecanicismo, pois o indivíduo se parece a um objeto que serve exclusivamente para executar tarefas, uma máquina que pensa e trabalha por dinheiro. Um exemplo dessa mecanização moderna é a pressão ao cumprimento de horários, este, por sua vez, leva os indivíduos ao desgaste físico e mental. Esse ritmo acelerado do progresso transforma os seres humanos em coisas (coisificação). Além disso, a falta de liberdade desenvolve no sujeito um sentimento de tédio e melancolia, corroborando o pensamento de Tfouni (2014), já citado nesse trabalho.

É importante ressaltar que, mesmo o sujeito não sendo livre, ele não é totalmente assujeitado, visto que os sentidos são incompletos, os sujeitos também são incompletos. Mesmo que os sentidos se filiem a uma constituição, o sujeito continua sendo incompleto, podendo deslocar-se, apesar do desenvolvimento econômico e social, a alta tecnologia e as várias formas de relacionamento como o facebook, whatsApp, badoo, twitter, perpassando as fronteiras de todo esse processo de significação aberto. O sujeito é dependente, “sujeito à determinação, à institucionalização, à estabilização e à cristalização” (ORLANDI, 1999, p. 52). Mesmo havendo injunções bloqueando esse deslocamento do sujeito, ele pode deslocar-se.

Essas injunções, aqui neste trabalho, são as redes sociais, a grande mídia, que projetam o sujeito a uma estabilização, um bloqueio. “Ao invés de se fazer um lugar para fazer sentido, ele é pego pelos lugares (dizeres) já estabelecidos num imaginário em que sua memória não reverbera. Estaciona. Só repete” (ORLANDI, 1999, p. 54). Para a autora há três formas de repetição: empírica: que só repete, o famoso efeito papagaio; formal: um modo diferente de dizer o mesmo; e a histórica: que é a que desloca, ou seja, permite o movimento, pois trabalha o equívoco, a falha, atravessa as evidências do imaginário e rompe com o já estabelecido. Dessa forma, há sempre o incompleto, uma outra interpretação. Essas três formas de repetição são bem evidentes no facebook, pois os discursos se repetem, com uma forma diferente de dizer o mesmo, mas o que é socialmente imposto se apresenta nas páginas curtidas, compartilhadas e excluídas. Um movimento que trabalha, no caso das piadas, o equívoco, o jogo de palavras, a ambiguidade, o humor, passa pelas evidências do imaginário e rompe com o já estabelecido.

Nessa perspectiva, as piadas, ao serem compartilhadas nas redes sociais, tornam-se, por alguns indivíduos, interiorizadas, aceitas; outros as criticam, repudiam-nas. Mas a mídia faz com que os sujeitos sempre estejam em contato com esses meios e os aceitem e acreditem no modelo que está sendo exposto. Faz com que o sujeito imagine que escolheu seus conceitos, porém, sub-repticiamente, a mídia guia e delimita modos de pensar e de agir, sem que o indivíduo perceba que está sendo manipulado.

Assim, o humor utiliza-se dessa ilusão de verdade e determina uma posição sujeito, que faz com que o sujeito seja capaz de rir de si mesmo, sem a necessidade de um outro para a fruição do prazer humorístico. Ainda apoiado nessa grande indústria cultural que expõe formas de opiniões, conceitos, o humor torna-se manipulador também.

Para melhor entendimento, passaremos a explorar a questão do humor.

1.7 Humor

Um dos grandes originários do estudo sobre humor foi Aristóteles. Segundo esse filósofo, o prazer derivava da degradação, por isso a comédia tratava do que era feio, do que causava vergonha. Já para Platão, o humor era associado ao vício, ou seja, exageros que se tornam inoportunos, pois o desejo do riso constante torna-se imoral e agressivo. Para os retóricos latinos, a questão do riso era semelhante à de Aristóteles e Platão, o riso nessa época era dirigido aos indignos ou deformados. A comédia aí representada era rir quando achava o outro inferior ou desprezível, as vítimas desse humor eram deficientes ou pessoas que

nasciam com alguma anomalia física. Possenti (2007) explicita que na Renascença o riso era frequentemente ligado ao desprezo, uma forma sarcástica de menosprezar o outro. E, para muitos, esse riso era direcionado ao ridículo. No entanto, Possenti discorda desse pensamento do período da Renascença, “pois se deixamos de rir do ridículo quando ele se torna corriqueiro, então, não é do ridículo que rimos, mas da novidade” (POSSENTI, 2007, p.84).

A partir dos estudos seguidos da doutrina aristotélica, o riso é considerado depreciativo. Desses estudos, dois pontos devem ser salientados: o primeiro é uma ênfase ao papel do imprevisto que logo causa a surpresa. O segundo é o imprevisto, e corresponde ao ouvir algo que não se esperava. Em síntese, o que nos faz rir deve aparecer de maneira inesperada, repentina. Há ainda a ambiguidade, teóricos como Raskin (1985) inferem que o humor é fruto da ambiguidade. Formulam-se dois pensamentos opostos, com a ambiguidade um desses pensamentos se sobressai.

No entanto, segundo Possenti (2007), os efeitos que provocam o riso não são somente relacionados à ambiguidade. Além dos defeitos alheios que são o ridículo, o exagero, a surpresa ou novidade, a piada caracteriza-se por dois outros traços, um corresponde ao modo bona-fide (de boa-fé) e não bona-fide (má-fé). O teórico ainda acrescenta uma espécie de “gatilho” que faz o receptor passar de uma interpretação para outra. Para explicitar melhor, um dos exemplos citados por Possenti (2007) é uma piada do personagem Joãozinho:

Vitória! Eu Consegui!
Tudo então melhorou
Pelo menos dessa vez
O líquido branco jorrou.
Finalmente tudo acabou
E saio quase de maca
Foi assim a primeira vez
Que eu tirei leite da vaca.

Primeiramente, descreve a ordenha de uma vaca, mas, ao ler as primeiras frases do texto, o leitor tem o primeiro *script* que, por sua vez, pensa de má-fé, pois infere para uma primeira relação sexual. Mas, no final da piada, quando o leitor lê a última frase, ele vai passar para o segundo *script*, de boa-fé, pois fica claro ao receptor que se trata da ordenha de uma vaca.

É importante ressaltar que, ao explicitar esses *scripts* sugeridos por Possenti (2007), nas análises das piadas, não significa que só há esses dois modos de interpretação, até porque, como já foi discutido anteriormente, um texto apresenta diversos sentidos, pois são constituídos de formações discursivas anteriores. Ou seja, perpassam diversos sentidos e interpretações, de acordo com as condições de produção. Porém, ao explicarmos os *scripts* destacados por Possenti chegamos mais rapidamente ao mecanismo que causa o riso. No entanto, no caso do analista do discurso, não é só observar os *scripts*, mas os efeitos deles. Nesse caso, quando se fala do personagem Joãozinho, os interlocutores esperam produção de sentido dos outros. Ou seja, espera-se um sentido sexual, já que o personagem Joãozinho revela os tabus, os questionamentos da sociedade, mas ele surpreende com uma simples ordenha de vaca.

Outro exemplo:



Fonte: FélixBichaMá

Já nessa piada acima, podemos também identificar esses dois *scripts*: na primeira fase, temos a alusão a uma mulher moderna, livre e que possui um homem ou homens que não a fazem se sentir sozinha, apesar de ser solteira, é perpassado que pode ser por opção, por não achar alguém adequado, este seria o modo de boa-fé, descrito por Possenti; já o segundo *script*, o de má-fé, baixa o nível vocabular e contrapõe os pronomes indefinidos “todos e ninguém”. Essa contraposição nos leva a entender que todos os homens têm relações sexuais com ela, mas ninguém quer um compromisso ou assume um relacionamento. O sujeito “todos” deixa perpassar a exaltação da mulher; o sujeito “ninguém” nega o primeiro, enfatizando a solidão da mulher, afirmando que se ela está sozinha é porque ninguém a quer.

Os verbos “comer” e “assumir” corroboram uma linguagem popular, no que diz respeito à sexualidade. Esses verbos perpassam por sua vez, a ideia de facilidade, dificuldade, marginalidade, seriedade. E, na medida em que fazem com que o interlocutor transite por esse eixo, vulgariza o sexo e a mulher.

Outro teórico que estudou a questão do riso foi Freud (1905). Esse teórico une a questão do humor com a psicanálise, a partir dessa união, afirmava que o chiste era uma formação do inconsciente que, por sua vez, está inserido também na vida cotidiana. Isso dá as bases para o pensamento de Possenti sobre o humor, pois este defende que o humor não está somente nos modelos depreciativos, mas no nosso cotidiano, representado pela novidade e pela surpresa. Nesse contexto, podemos concordar com Possenti e ir além dos seus postulados, pois não é somente o novo que causa o riso, ele é causado por algo que foi reprimido e veio à tona, como se tivesse sido descoberto ou revelado. Segundo Rabuske (2011), a palavra chiste significa gracejo, uma espécie de válvula de escape de nosso inconsciente. Assim, o chiste torna-se muito semelhante à questão das piadas, pois o inconsciente utiliza essa válvula de escape, as piadas, para liberar algo reprimido.

Para Freud (1905), o humor atua como álibi de alguma verdade do sujeito que não fora capaz de dizer explicitamente, e utiliza-se dessa válvula de escape, as piadas, para dizer a “verdade”. É o tal do “faz de conta”, da mentirinha, ou usado como uma brincadeira, evidenciando algo que não pode ser explicitamente exposto. É importante salientar que, para Freud (1905), os afetos não são reprimidos, mas somente deslocados, o que se reprime é a matéria-prima do inconsciente, que é um reino obscuro e caótico, situado fora dos limites da consciência. Enfatizamos, então, os pensamentos de Rabuske: “o chiste é construído por uma ideia recalcada no inconsciente” (RABUSKE, 2011, p.1).

O inconsciente, por sua vez, é um processo psíquico cuja existência é supor devido a algum motivo implícito, e tal que o inferimos a partir de seus efeitos. Freud (1905) postula a existência de uma instância intermediária entre o inconsciente e a consciência. Esse intermeio é chamado por Freud de pré-consciente, ele impede o que foi reprimido acessar diretamente a consciência, como um bloqueio, o qual não é absoluto, pois libera esse acesso sob certas condições, visto que o humor dá essas condições e utiliza-se do humor para liberar o que foi reprimido pelo inconsciente, o discurso do Outro (Outro com letra maiúscula). Essa referência ao Outro não significa que seja outra pessoa, outro indivíduo, mas a referência a uma terceira pessoa em cena, no lugar do simbólico, do código da linguagem. Para um melhor entendimento, esse simbólico se figurativiza na ambiguidade, na polissemia, no equívoco, no

jogo de palavras utilizado nas piadas. Tudo isso constitui a válvula de escape para a liberação do que está reprimido no inconsciente.

Nessa perspectiva, Castro (2009) salienta que o inconsciente não é perder a memória, e sim não lembrar o que foi reprimido, pois, para a psicanálise, o Complexo de Édipo é a repressão originária do inconsciente. Assim, o Complexo de Édipo, termo criado por Freud, inspirado na tragédia grega denominada Édipo Rei (o conjunto de desejos amorosos que um menino, ainda criança, sente em relação à mãe) é a origem de toda repressão sofrida, desenvolve-se pelas repressões posteriores. Segundo Freud, os meninos sentem o seu primeiro impulso sexual pela mãe, e o seu primeiro sentimento de ódio e morte, pelo pai. Na teoria psicanalítica, o Complexo de Édipo ocorre no desenvolvimento psicosexual, que é a idade de três a seis anos, podendo ser mais precoce. Essa repressão de origem é a etapa decisiva na vida da criança, pois é ao redor desse cerne inicial que se desenvolve o inconsciente. Nota-se que há no inconsciente uma questão relacionada ao desejo e à censura, muito semelhante aos mecanismos de controle dos discursos, pois os sentimentos de desejo pela mãe não podem ser explícitos, haja vista as regras sociais. Esses desejos não podiam existir e, por isso, são reprimidos.

Porém, mesmo que a piada seja a válvula de escape do inconsciente, não há uma liberação total, os desejos não podem ser explicitados completamente, já que tudo que é dito, é controlado e selecionado; com as piadas também há a liberação parcial. Novamente retornamos às relações de poder, pois só é liberado aquilo que pode ser dito. Resumidamente, as piadas “liberam” o que está reprimido no inconsciente, mas este é constituído por repressões anteriores perpassadas no cotidiano. Essas repressões advêm de experiências passadas que condizem com os costumes, religião, valores de uma determinada época.

Além disso, levamos em conta as piadas elaboradas para causar um efeito perturbador, “choque”; e piadas que liberam a repressão de forma mais sutil. Freud (1905) destaca dois tipos: os abstratos que, segundo o teórico, são os chistes inocentes. Apesar de não considerarmos nenhuma piada inocente, por mais que seja imperceptível, toda piada tem um objetivo, mas, segundo o teórico, não possui um objetivo particular, não é agressiva, e nem obscena, diferentemente das piadas tendenciosas. Os chistes tendenciosos tendem a “possibilitar a agressividade ou a crítica contra pessoas em posições elevadas, que reivindicam o exercício da autoridade. O chiste assim representa uma rebelião contra tal autoridade, uma liberação de sua pressão” (FREUD, 1905, p. 104).

As piadas tendenciosas podem servir de ofensas à sociedade, instituição, dogmas morais ou religiosos. Nesse sentido, Bergson (1899) acrescenta três aspectos relacionados às

piadas: não há comicidade fora do que é propriamente humano; há uma certa insensibilidade que acompanha o riso; e o riso sempre exige uma segunda pessoa que dele compartilhe.

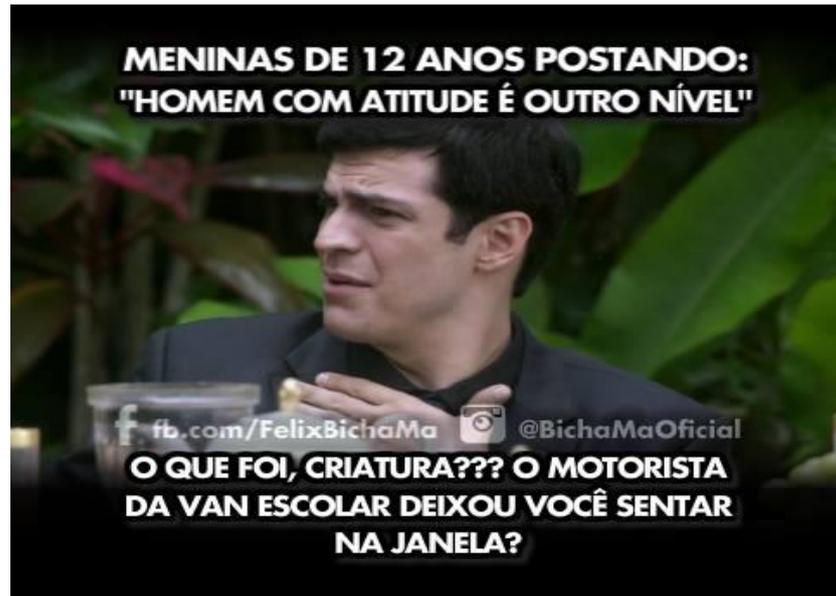
Para compreendermos o riso, temos de o repor no seu meio natural, que é a sociedade; temos sobretudo de determinar a sua utilização e função, a sua função social. Eis, digamo-lo desde já, a ideia de diretrizes de todas as nossas indagações. O riso deve ser a resposta a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social (BERGSON, 1899, p. 17).

O autor considera o riso um gesto social, e concorda com os antigos teóricos do riso quando afirma que, rimos do desajeitado, da rigidez do corpo, dos vícios, da feiura. Bergson (1899) considera que, toda a deformidade de uma pessoa pode se tornar piada. As atitudes, gestos, expressões também podem causar o riso, o teórico chama isso de leis que regulamentam o cômico. Assim, tudo que causa uma certa estranheza pode se tornar cômico, até mesmo um espirro durante um discurso ou até mesmo um homem caindo no chão. São dessas estratégias que os palhaços conseguem obter o riso das crianças.

Para o autor, o que gera o efeito cômico ainda seria a repetição, a inversão e a interferência das séries, pois rimos sempre que nossa atenção é desviada, já que as piadas, assim como os discursos, apresentam um sentido físico e um sentido moral.

Obtém-se um efeito cômico quando se toma em sentido próprio uma expressão utilizada em sentido figurado. Ou ainda: a partir do momento em que nossa atenção se concentra na materialidade de uma metáfora, a ideia que ela exprime torna-se cômica (BERGSON, 1899, p. 76).

Mas o riso não tem somente um efeito cômico, as piadas têm um sentido, um objetivo, que está ao alcance da sociedade. O autor conclui que o riso é uma forma de a sociedade se vingar, de intimidar, de zombar dos moldes sociais, como se o riso fosse um castigo, um mal e que não conseguiria o êxito com a simpatia e bondade. Concordamos com Bergson que não se obtém o riso com simpatia e bondade; também concordamos que o riso intimida, zomba. Entretanto, o riso vai além, pois uma piada não só refuta o que a sociedade estabelece, mas ela perpassa essas ideologias já estigmatizadas. Um exemplo seria uma piada que questiona o status de uma menina de 12 anos, a qual escreveu: “Homem de atitude é outro nível”. A resposta a esse afirmativo surge como um questionamento: “o que foi criatura? O motorista da van escolar deixou você sentar na janela?”. Eis a piada tal como está veiculada:



Fonte: FélixBichaMá

Essa piada não refuta os moldes sociais, e sim concretiza o que é imposto pela sociedade: menina de 12 anos é criança, não deve ter relacionamentos e nem tem capacidade de saber o que é “homem de nível”. Entretanto, afirmar que menina de 12 anos é criança torna-se um posicionamento contestado pela sociedade moderna, pois as meninas de 12 anos já têm namorados e não querem mais ser tratadas como crianças. Atualmente, certos valores estão sendo questionados, tendo como fundamento a noção de liberdade. O discurso do “livre” está sendo imposto, mostra uma ilusão de liberdade, que esconde o controle instaurado, isto é, existe uma moldura que, por mais que não esteja explícita, está sendo perpassada através da piada. A figura também colabora com que é imposto pela sociedade, pois a expressão do personagem de desdenho ao repudiar o pensamento que menina de 12 anos pode ser considerada mulher.

Os preconceitos também são estabelecidos através do riso, a comparação do homem com algum animal, as profissões como a de um pedagogo, como as piadas de Joãozinho que desmoralizam tanto a profissão de professor como o ambiente escolar. E isso ocorreria com o qual objetivo? Entendemos que tais provocações perpassam uma ideologia antiga: de que não precisamos de instrução; também remete ao desprestígio da carreira do professor. Conseqüentemente, não devemos nos apropriar do saber, mas o saber exprime poder. Dessa forma, é significado que quem estuda demais tem a possibilidade de enlouquecer, de ser uma pessoa solitária, de não possuir uma vida social saudável, justamente para desestimular a procura por conhecimento. Essas são ideologias que, ao longo do tempo, foram quebradas, tornaram-se questionáveis, porém é através das piadas que essas ideologias retornam ao

ambiente social. Bergson (1899) afirma que a piada se vinga da sociedade, até mesmo porque a piada tem como álibi a brincadeira, pois “esconde” a verdade anunciada, de modo incontestável, por ser usado o recurso do humor. Por isso, as piadas utilizam-se do riso, de zombaria para proporcionar a degradação e o sentimento de inferioridade ou dominação.

Segundo Propp (1992), o aspecto que está mais atrelado ao cômico é o riso de zombaria, que está associado aos defeitos ou serve para denegrir a imagem do outro. Algumas piadas utilizam-se dessa degradação, principalmente em relação às mulheres, aos negros e à classe pobre da sociedade.

Antes de passarmos para o segundo capítulo, estudaremos as tipologias do discurso de Orlandi (1999).

1.8 Tipologia do discurso (lúdico, polêmico e autoritário).

Orlandi (1999) argumenta que, são muitos os critérios que constituem as tipologias da análise do discurso. Uns dos mais comuns são os que refletem as instituições, tal como o discurso político, jurídico, religioso, científico e etc. Para um analista, a análise da tipologia não faz parte do objetivo, pode ser útil, mas não é o assunto central para caracterizar o discurso, pois o que caracteriza o discurso é o seu funcionamento, já que as propriedades internas como condições, remissão à formação discursiva, modo de funcionamento. Interessam primordialmente ao analista, no entanto, o fato de um discurso ser político, por exemplo, estabelecer regime, validade e cabe ao analista detectar isso. Entretanto, é possível chegar a essa classificação pela observação do funcionamento.

A autora foi além da observação das macro-características estabelecidas pelas tipologias. Orlandi (1999) propõe estabelecer um critério para distinguir diferentes modos de funcionamento do discurso, primeiramente, distinguir os discursos por duas perspectivas: as normas e as instituições em que são filiadas. Assim, há os discursos religioso, político e científico. Ainda consoante essa autora, os discursos têm mais desmembramentos possíveis, pois possui diversas tipificações, porém, para a Análise do Discurso, é importante o funcionamento discursivo, tomando como base os elementos constitutivos e as condições de produção.

Conforme Orlandi (1999), a categorização em discurso autoritário, polêmico e lúdico é a tipologia proposta, que, segundo ela, obedece ao princípio discursivo das determinações, propriedades internas ao funcionamento do próprio discurso.

- a. discurso autoritário: aquele em que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também a sua relação com o interlocutor;
- b. discurso polêmico: aquele em que a polissemia está aberta, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos;
- c. discurso lúdico: aquele em que a polissemia está aberta, o referente está presente como tal, sendo que os interlocutores se expõem aos efeitos dessa presença inteiramente não regulando sua relação com os sentidos (ORLANDI, 1999, p.86).

A autora adverte que não deve tomar como pejorativo o lúdico, pois não está aqui no sentido de brinquedo e, também, o autoritário como característica do locutor. O lúdico trabalha com o jogo de linguagem, a polissemia; enquanto que o autoritário está diretamente ligado ao fator simbólico, à injunção, à paráfrase. Orlandi (1999) também afirma que a sociedade tenta produzir a dominância do autoritário, mas é o lúdico que se destaca. O polêmico configura-se como um discurso de afrontamento, resistência.

Ainda de acordo com Orlandi (1999), não há nenhum discurso puramente lúdico, autoritário ou polêmico, o que há são misturas, mas podemos dizer que, num discurso, predomina o autoritário, o lúdico, ou até mesmo, o polêmico. A autora também afirma que há relações de inclusão e exclusão, sustentação, oposição, migração de elementos de um discurso para o outro, no funcionamento discursivo, sendo que, em alguns discursos, torna-se bem visível, já em outros não. Todavia, não há discursos que não estejam em relação um com o outro, desencadeando uma interdependência. Nesse trabalho, temos essas três tipologias. O lúdico, em uma primeira versão, predomina, pois as piadas utilizam-se do humor, da ambiguidade, do jogo de palavras. Mas existem piadas em que o autoritarismo e o polêmico podem predominar.

Para darmos seguimento à nossa investigação, passamos para o próximo capítulo, as análises das piadas.

CAPÍTULO II – ANÁLISE DISCURSIVA DAS PIADAS

As piadas passaram por uma transformação ao longo dos tempos, no entanto, não deixaram de ser um excelente objeto para análise de uma certa sociedade. Para iniciarmos essas análises, seguiremos os postulados de Possenti (2006), o qual afirma que, para a análise das piadas, é exigida do analista, primeiramente, uma descrição de seus mecanismos linguísticos e/ou textuais para, posteriormente, explorar a interpretação. Para o autor, o vício da interpretação e o desprezo dos mecanismos linguísticos esclarecem somente o que estava implícito e não explora a interpretação. Nesse caminho, Possenti (2006) defende que a melhor maneira de analisar uma piada é seguir os postulados freudianos. Rabuske (2011) explicitam técnicas de análise muito semelhantes às de Freud. Rabuske (2011) menciona duas técnicas muito utilizadas por Freud: a condensação, que é a junção de dois pensamentos diferentes, materializando-se em uma palavra ambígua ou jogo de palavras; e o deslocamento, que é a substituição por uma alusão, ou seja, com palavras ambíguas e semelhanças de sons distorcem o sentido das palavras.

Possenti (2006) acrescenta o pensamento pecheutiano, segundo o qual, para a análise de uma piada, é necessário observar os mecanismos linguísticos das piadas e, depois, fazer a análise discursiva. Assim, os mecanismos citados por Possenti são: dêixis, fonologia, variedade linguística, tradução, conhecimento prévio, inferência, léxico, morfologia.

No livro de Possenti (2000) intitulado *Humores da Língua*, o autor faz uma explanação desses mecanismos linguísticos.

- ❖ Inicia pela dêixis, a qual é uma palavra que é utilizada por conta de sua ambiguidade e como válvula de escape para o riso. Pois é dito uma coisa, mas pode ter outro sentido. A técnica do script só é possível por conta da dêixis, que torna possível duas ou mais interpretações.
- ❖ A fonologia é pouco usada nas piadas mais modernas, pois se trata de uma mudança gramatical, um não entendimento. Ex: a partícula com (preposição) pode ser confundida com a primeira sílaba da palavra contente.
- ❖ A variedade linguística é quando um texto se sobrepõe sobre o outro, tornando-se engraçado. Às vezes esse termo é depreciativo e torna-se a causa do riso.
- ❖ A tradução é um texto em outro idioma e fazer a tradução baseado na pronúncia popular, a fala oral e torna-se a graça da piada.
- ❖ O conhecimento prévio é uma das técnicas mais importantes, pois o leitor necessita ser situado no contexto para entender a piada.

- ❖ Inferência é o processo de dedução, para a compreensão da piada, deve-se imaginar algo. Ex: Um dia Joãozinho estava na escola chorando, e a professora foi falar com ele:- Joãozinho não fique chorando, porque quando você crescer você vai ficar feio. Joãozinho respondeu: então, professora, quando você era pequena você chorava muito. Assim, o leitor deduz que a professora chorava muito por isso era muito feia.
- ❖ Léxico: a mudança de uma palavra que é verbo e torna-se pronome ou vice-versa.
- ❖ Morfologia é quando a graça da piada é depositada em um desconhecimento das formações das palavras.

Porém, é importante salientar que não encontramos todos esses mecanismos em uma única piada, às vezes, pode ser que ocorram um ou dois mecanismos em cada piada, principalmente as que se utilizam mais da imagem do que da frase. Um exemplo:



Fonte: Félix Bicha Má

Essa piada faz uma evidência ao capitalismo, iniciando com um ditado popular “dinheiro não traz felicidade” e, em um segundo momento, contraria essa afirmação. Porém, para haver o riso, o leitor tem que ter um conhecimento prévio tanto da frase inicial, dita por ideologias anticapitalistas, exaltando um discurso de que dinheiro não é tudo; e saber que uma “Ferrari” é uma marca de um carro muito caro. A adversativa “mas” ajuda a oração sindética a se constituir como maior peso argumentativo do que a assindética, e leva o leitor concordar com a segunda oração.

A imagem traz o personagem com rosto de sofrimento, com várias pessoas ao redor dentro de um ônibus. Por ser uma imagem forte, também leva o leitor a discordar da primeira oração.

Além dos mecanismos e técnicas de análise, Possenti (2006) acrescenta que algumas piadas ultrapassam o poder, pois são discursos livres de determinados procedimentos de controle. Porém não concordamos com essa afirmação de Possenti, pois se há autoridade para falar, mesmo implicitamente, há o poder, até mesmo porque as imagens e discursos perpassados tornaram-se enraizados na sociedade, podem não ser explícitos, porque a questão é de naturalização. Esses discursos foram considerados como verdade por muitos anos, mas, com o passar do tempo, o discurso antigo foi substituído pelo “novo”, ou seja, para Foucault, surgiram novos regimes de verdade. Então, esses discursos que eram implantados como verdadeiros tornaram-se falsos, mas, mesmo perpassando discursos discriminatórios, eles não deixaram de existir, pelo contrário, foram compartilhados rapidamente. E com o avanço da internet, podemos afirmar, após toda a explanação feita nesse trabalho, que, ao compartilhar a piada, o indivíduo aceita o discurso perpassado nela/ por ela. Esse discurso tem autoridade, tem poder, mesmo que o discurso seja contrário aos discursos já estigmatizados na sociedade, pois um enunciado é passível de ser outro, de deslize de sentidos, até porque os sentidos não são dados, são construídos. Assim, voltamos aos postulados de Foucault (2003), que menciona que o novo não está ali, pronto, dito, mas em tudo que está ao redor, no acontecimento a sua volta. Por isso, as imagens são tão importantes nas piadas do facebook, deixando explícito o acontecimento, levando o leitor ao riso com suas expressões corporais e faciais exageradas.

Ainda para a realização dessa análise, esclarecemos que a escolha do facebook foi por conta do grande número de acessos e compartilhamentos. As piadas foram retiradas de três páginas de personagens fictícios, criadas no intuito de divertir, de utilizar o cômico. A escolha dessas páginas deu-se em vista de mais de um milhão de seguidores e por serem muito famosas. A do “Félix Bicha Má”, o qual tem o personagem Félix em destaque (personagem fictício de uma novela global) era um grande empresário, gay, elegante, mas era mal, cruel. Muito caracterizado com expressões faciais exageradas e muito cômicas. Assim, retornaremos o pensamento de Aristóteles, segundo o qual o que causa vergonha e é diferente torna-se exagerado, isto é, cômico.

Já a página do “Bode Gaiato”, outro meme, que possui uma figura de um bode, um animal irracional, com um sotaque nordestino, faz uma alusão à outra visão da sociedade. A região Sul/Sudeste é vista como culta, trabalhadora, desenvolvida. Já o Nordeste tem uma

visão depreciativa e oposta à região Sul. Os nordestinos são vítimas de preconceitos, o que remete aos scripts defendidos por Possenti, para o qual os discursos perpassados nas piadas são reproduções de discursos estigmatizados da sociedade, os quais são colocados em circulação. Esse preconceito não pode ser explícito em qualquer circunstância, pois há discursos fortemente opostos. Nesse sentido, as piadas adquirem o direito de dizer com as vozes anônimas, de animais, de loucos e adquire esse poder, o de dizer.

Escolhemos ainda “Piadas do Gatinho” as quais apresentam a imagem de um gato, bem irônico, que termina sempre a piada como uma forma surpreendente. Das três páginas que utilizamos, a “Piadas do Gatinho” é a mais parecida com piadas perpassadas fora das redes sociais, às consideradas piadas tradicionais.

De cada página, utilizamos três piadas que, por sua vez, foram escolhidas de acordo com a procura da pesquisa, a materialização de ideologias presentes na sociedade, ideologias estigmatizadas como preconceito religioso, social, cultural, etc. Além disso, a escolha das piadas também se deu pelo número de compartilhamentos, pois quanto mais compartilhada, acessada, mais divulgada. Buscamos saber como esses discursos materializam-se e são perpassados ao ponto de passarem naturalmente pelo leitor levando-o ao riso.

E, para facilitar a nossa análise, elaboramos as seguintes perguntas norteadoras: quais os mecanismos que fazem com que as piadas provoquem o riso no seu interlocutor? Quais os discursos perpassados nelas/por elas? Como se efetiva o humor em cada objeto analisado? Qual a função desses discursos na mídia?

Iniciamos as análises à luz dos postulados de Possenti, com a análise das frases, identificando a válvula de escape que libera o inconsciente e é o causador do riso. Na análise discursiva, observamos os conceitos da análise do discurso, visando identificar a ideologia perpassada nas redes sociais.

Quanto à metodologia, este trabalho consiste em uma pesquisa de caráter qualitativo, por conta da análise discursiva que, segundo Marcuschi (2001), “constitui um corpus para observar a interação social”. Dentre as técnicas de pesquisa qualitativa, optou-se por seleccionar e analisar as piadas, gênero humorístico presente nas redes sociais, mais especificamente o facebook. Tal análise se faz a partir de um viés crítico, envolvendo questões semânticas e discursivas. Pretendemos, assim, questionar e problematizar ideologias que estão socialmente naturalizadas nestes discursos.

Assim, podemos afirmar que as piadas não são textos apolíticos, como muito pensam, uma vez que, para compreendê-las, é preciso que se acionem diversos dados, tanto expressos na sua materialidade linguística, quanto a partir da discursivização. Dessa forma, é

importante destacar que essa análise não recai somente na piada propriamente dita, mas reflete também seu locutor e ouvinte.

Com efeito, é sem dúvida um objeto de relevância para várias áreas do saber, não só no âmbito linguístico, mas também no social. Isso porque é possível, através desse gênero, fazer uma análise discursiva e identificar ideologias, estereótipos e discursos pré-construídos pela nossa sociedade. Como bem defende Possenti (2000, p. 49), “[...] o humor pode ser extremamente reacionário, quando é uma forma de manifestação de um discurso vinculador de preconceitos”. Nessa perspectiva, é de fundamental importância analisar e problematizar as piadas.

Abaixo apresentamos as análises das piadas selecionadas.

2.1. Análise e Discussão

- Análise 1



Fonte: FélixBichaMá

Iniciamos com as piadas do Félix. Segundo os postulados de Possenti (2001), inicialmente devemos analisar os pensamentos que norteiam as piadas. Essa piada deixa perpassar dois pensamentos, o primeiro, com uma fala oral e a utilização de gírias, como “paga” e “catraca de ônibus” a piada utiliza-se de expressões orais para tornar-se mais próxima da sociedade. O termo “santinha” faz uma referência a uma mulher inocente. E um segundo pensamento utiliza-se de um termo metafórico; também faz uma remissão ao objeto “catraca de ônibus”, dá uma ilusão de obscenidade, que é uma mulher descompromissada, não

exigindo compromissos sérios. A adversativa “mas” representa uma contradição, uma oposição entre a primeira e segunda oração. Segundo Freud (1905), para efetivar a substituição foi necessário acrescentar o “mas”, de modo que a adversativa equivale ao não. Ainda segundo o teórico, essa adversativa “é a representação pelo oposto, uma técnica que caracteriza a ironia é a representação pelo contrário” (FREUD, 1905, p. 21). Podemos afirmar, à luz dos postulados freudianos, que essa piada pode ser considerada como um deslocamento, já que possui a substituição da negativa pela adversativa. Para Possenti (2003), esse “mas” é a válvula de escape, é o gatilho que o inconsciente precisa para libertar-se. O “mas” é um operador argumentativo que faz com que a segunda oração tenha um peso maior que a primeira.

Já o termo “catraca de ônibus” tem duplo sentido: o de matéria, o sentido real da catraca, que é usada nos ônibus para não permitir o acesso antes do pagamento, mas tem outro significado: o sexual, cujo sinônimo é experiência sexual. É uma comparação que se torna depreciativa a imagem feminina. A imagem também ajuda a perpassar ideologia, pois o personagem está de mãos abertas e com a expressão facial de quem fez uma grande descoberta, que está revelando algo que não deveria. As duas faixas escuras em cima e embaixo da imagem dá a ilusão de escondido, oculto.

É importante salientar também que os sentidos se constituem nas formações discursivas, nas quais se inscrevem. O sentido só se constrói a partir de uma ou mais formações discursivas e que estas derivam de discursos anteriores. Assim, ao levar em conta tais discursos, o leitor ou ouvinte depreende da primeira frase que o termo “santinha” representa uma mulher séria, submissa ao poder social e, por isso, torna-se ou é considerada ingênua, ao contrário da representação da segunda frase, pois esta representa uma mulher vivida, nada inocente e com um histórico de vários relacionamentos amorosos, pois está sendo comparada a uma “catraca de ônibus” que, em um dia, é diversas vezes “rodada”. Ou seja, insinua que a mulher tem vários encontros no dia, levando o leitor a um cenário de prostituição. Pois, em uma sociedade patriarcal, o homem é valorizado por ter vários relacionamentos sexuais, já a mulher, não. Pelo contrário, quanto menos relacionamentos tiver, será valorizada perante a sociedade. Isso porque a mulher tem uma relação servil em relação ao homem.

Esse discurso reflete uma ideologia preconceituosa, cristalizada em nossa sociedade, que coloca a mulher como um objeto, submissa ao homem. Uma ideologia naturalizada por toda a sociedade, sendo que a própria mulher se faz de “santa”. Como bem defende Dosse (2007), por mais que um indivíduo seja esclarecido, ele não consegue refutar o discurso

imposto, pois já está naturalizado. Então, por mais que não seja um fato real, ela quer construir uma imagem considerada ideal perante a sociedade, dita verdadeira. Socialmente, quem tem direito de se relacionar sem um compromisso sério é o homem. Este, sim, pode ter mais experiências em relacionamentos.

Também é importante explicitar que as formações discursivas são invadidas por outras formações discursivas, mas se formam de uma maneira regulada no interior do interdiscurso. Atravessado pelo já dito e constitui a substância das formações imaginárias, isto é, representações imaginárias que os sujeitos fazem de si e dos outros, de acordo com os lugares que assumem. O lugar assumido por essa mulher que se faz de “santa” é justamente o lugar que a ideologia dominante perpassa. O lugar de submissão, já que a sociedade ainda é extremamente patriarcal, colocando o homem como o chefe da casa, o dono da razão, para demonstrar o domínio do modelo masculino. E os discursos modernistas, advindos do capitalismo, reforçam esse pensamento, pois o homem ganha melhores salários e possui vantagens ao adquirir um emprego. Isso porque uma mulher com filhos não se dedica inteiramente ao trabalho, fora os direitos de licença-maternidade e horas de amamentação. Para muitos capitalistas, essas horas seriam prejuízo.

A ideologia burguesa tenta camuflar esse discurso de dominação com o discurso de que o indivíduo tem plena liberdade do seu corpo, que pode vendê-lo, alugá-lo ou até emprestá-lo, mas essa condição de empréstimo, venda e aluguel, é definido por regras, pois a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de regras. Sendo assim a teoria da liberdade se desfaz. Segundo Chauí,

[...] que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado (CHAUÍ, 1980, p. 43-44).

Com essa piada, mesmo após os discursos modernistas de igualdade e liberdade, percebemos que o discurso machista ainda está estigmatizado e naturalizado pela sociedade, até mesmo pela feminina. A mulher é vista como um objeto, sem oportunidades de expor seus

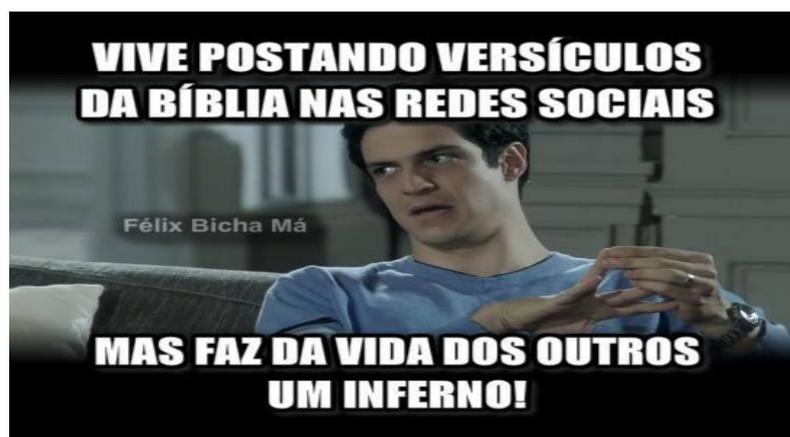
pensamentos. Ter a liberdade de utilizar o seu corpo livremente. Além disso, esse *script* sexual, em relação às mulheres, não é um discurso novo, pois, no período colonial, os senhores de escravos utilizavam as mulheres negras para se satisfazerem sexualmente, enquanto que as mulheres brancas, senhoras, apesar de serem consideradas superiores às escravas, serviam para cuidar do lar, educar os filhos, servir aos maridos, já que as escravas, consideradas como seres inferiores, não serviam para o casamento. É importante salientar que os dois papéis são inferiorizados (o de mãe e o de escrava) em relação ao discurso machista, transformando a mulher em apenas um objeto servil. Essa servidão originou-se no pensamento de que a mulher é frágil, fraca, e que necessita de um marido ou dono para protegê-la e cuidar dela. A mulher branca também era vista como moeda de troca. Era oferecida aos maridos como parte de uma negociata de terras, de poder, de agradecimento, o qual demonstra o valor da mulher como um objeto.

Atualmente, esses discursos são perpassados rapidamente através da mídia. O facebook, utilizando-se das piadas, impõe socialmente esses discursos que, através do compartilhamento, o usuário repete e uniformiza modelos difundidos pela sociedade.

Segundo os moldes foucaultianos, é a dominação dos corpos e mentes, que é mais resistente do que os processos punitivos anteriores do século XVI. Estes puniam com violência os resistentes, chegando até ao esquartejamento como forma de punição. Lembramos que essa dominação de corpos e mentes é perpassada pelas redes sociais, que é interativa e veloz. As mulheres naturalizam esse discurso. Nesse ponto, temos a construção de um “real” ou um “verdadeiro”, impondo-se a ideia de superioridade. É a questão da vontade de verdade de Foucault, o discurso tem poder e por isso é considerado verdadeiro.

A seguir, apresentamos a nossa segunda análise.

- Análise 2



Fonte: FélixBichaMá

Nessa piada, há, inicialmente, dois pensamentos: o primeiro “vive postando versículos da Bíblia nas redes sociais” perpassando uma ideologia religiosa. E o segundo pensamento: “faz da vida dos outros um inferno” passando uma imagem oposta, um indivíduo fofoqueiro, mas igualmente religiosa, haja vista a presença do substantivo “inferno”. Observamos a oposição entre bíblia e inferno, na segunda oração. A bíblia é colocada como um documento, a verdade inquestionável, figurativiza o céu. Já o inferno é colocado como tudo de ruim, a fofoca, a maledicência, inveja, etc. Como a primeira piada, essa também se utiliza da adversativa “mas”, que é o gatilho para fazer uma oposição à frase anterior, para causar o riso. O “mas” é o termo oposto, crítica ao considerado “santo”. Debate-se, através do humor, a ideologia de que um cristão não deve fazer fofocas, julgar o próximo. Além disso, podemos notar, implicitamente, nessa piada a ironia, o sarcasmo, que é a causa do riso, pois sabemos das intrigas religiosas, verdadeiras lutas, casos extremos de ignorância e preconceito.

Depreendemos dessa piada que as pessoas que leem a bíblia não podem ou não devem fofocar sobre a vida alheia. Essa é uma crítica muito pertinente ao cristão, afirmando que não pratica o que lê. Essa piada poderia ser considerada uma crítica aos cristãos, de maneira geral, que são os que elegeram a bíblia como livro sagrado, fazendo uma alusão de que os cristãos não seguem os ensinamentos perpassados. Como querem, então, ser santos? É um grande questionamento discutido por diversas religiões, não apenas o cristianismo.

Aqui, no Brasil, mesmo sendo considerado um Estado laico, há sérias perseguições, não só à umbanda e ao candomblé, por serem crenças negras, mas ao catolicismo, ao espiritismo, etc. Essa luta, que é circular, ou seja, todos contra todos, tenta se restabelecer e adquirir poder, tornando-se superior. No entanto, enquanto não restabelecem o poder, a igreja continua a perpassar um discurso de que todo religioso deve ser praticante e defender as ideologias que as igrejas sustentam. Nesse ponto, a piada não é, apenas, uma crítica aos cristãos, mas se torna objeto de denúncia.

Como na primeira piada, será necessário um conhecimento prévio do leitor para entender melhor a ideologia perpassada pela piada e o efeito, a dominação desse discurso. Sabemos que até a administração de Marquês de Pombal no Brasil, o controle do ensino religioso era dos jesuítas. Pombal passou o controle do ensino para domínio do governo português e expulsou os jesuítas do Brasil. Atitude muito questionada na época, pois os jesuítas não controlavam somente o ensino religioso, mas o domínio da leitura e da escritura. Após o governo pombalino, a educação voltou a ser controlada pela igreja. Depois desse período houve diversos questionamentos, discussões, rompimentos sobre quem controlaria o ensino: a religião ou o governo. O governo queria retirar o ensino religioso com o argumento

de que política e religião não se misturam. Já a religião vê no ensino religioso uma forma de adquirir fiéis.

Apesar de tantos questionamentos, afirmamos que a religião católica adquiriu um número maior de adeptos justamente por seu poder diante do Estado. Ao notar divergências cada vez mais sérias dentro do próprio clero, as religiões cristãs se difundiram. A partir disso, não só a religião foi questionada, mas toda a ideologia perpassada por ela. As perseguições que já resultaram em mortes e espancamentos, como na antiguidade, a perseguição dos cristãos aos judeus ou na União Soviética ateuista que perseguiram diversos grupos religiosos, até a caça às bruxas e a perseguição mais notável: a chamada “santa inquisição”, que julgava até o comportamento em sociedade. Atualmente, a perseguição e violência continuam existindo. É comum vermos nos noticiários espancamentos e atentados, quem mais sofre esses atentados são religiões desprestigiadas pela sociedade, como os adeptos da umbanda ou candomblé.

Retomamos a análise da piada, a qual traz uma conexão de um julgamento depreciativo contra as igrejas cristãs. Como esses discursos não podem ser explícitos, já que mesmo com a desagregação da igreja católica, ela ainda tem poder e controle de muitas ideologias que, até hoje, são estigmatizadas, utiliza-se o humor. “[...] se é pouco notado, escassamente notado afinal, deve ser apresentado e tornado óbvio, de modo que permaneça claro, aberto a luz do dia...” (FREUD, 1905, p. 5). Possenti também argumenta (2000, p. 82) “através do humor, todo poder constituído é gozado, as teorias perdem a sua pomposidade, as religiões e as ideologias mostram a sua face”. O riso se dá justamente aí, na interdição, no que não pode ser dito. A piada libera um pensamento, dá o direito do avesso, contrário, possibilitando a existência do “jogo”, apesar dos limites impostos, pois todo discurso, segundo Foucault (2003), é controlado, selecionado e redistribuído. Nesse contexto, entendemos que as piadas são discursos igualmente selecionados, controlados e redistribuídos.

Dessa forma, podemos depreender dessa piada o poder que o cristianismo ainda tem, pois a oposição utiliza-se do humor para criticar essa dominação e poder da igreja. Atinge a figura cristã que é socialmente constituída como santa, idônea, não pecadora, mas comete um ato depreciativo, faz fofoca. Assim, o humor é utilizado como um ato de liberação, de vingança à dominação instaurada. Isso porque não se pode dizer tudo livremente e tem que ter uma certa autoridade para falar. Porém, essa oposição não é um discurso livre, essa vontade de verdade traz o poder e a dominação novamente à tona.

[...] e a vontade de verdade, foi do terceiro que falei mais longamente. É que, há séculos, os primeiros não cessaram de orientar-se em sua direção; é que, cada vez mais, o terceiro procura retomá-los, por sua própria conta, para, ao mesmo tempo, modificá-los e fundamentá-los; é que, se os dois primeiros não cessam de se tornar mais frágeis, mais incertos na medida em que são agora atravessados pela vontade de verdade, esta, em contrapartida, não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável” (FOUCAULT, 2003, p. 19).

O poder que, segundo Foucault (2008) controla corpos e mentes e tem o objetivo de um indivíduo disciplinado. Defendendo a religião ou criticando-a, a piada utiliza-se do humor para adquirir poder. O próprio usuário do Facebook, ao ler essa piada, curti-la ou compartilhá-la, estará estabelecendo o que é “certo”, “correto” perante a sociedade, perpassando uma ideologia e a mantendo no poder, conseqüentemente, diminuindo as formas de contestação.

O discurso não pode fugir desses parâmetros já institucionalizados pela sociedade, se o fizer, pode ser considerado um discurso falso, pois não está nos padrões que o delimitam que, por sua vez, são os mecanismos de controle do discurso. Para Orlandi (2007A, p.96): “Os aparelhos de poder de nossa sociedade gerem a memória coletiva. Dividem os que estão autorizados a ler, a falar e a escrever (os que são intérpretes e autores com obra própria)”. Ou seja, os aparelhos de poder como o facebook, dividem os usuários que têm autoridade para falar, os que só vão ler e os que podem publicar, mas a publicação também passa por regras, consoante os postulados de Foucault (2003), já que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância. Para Orlandi (2007a), os sentidos não estão soltos, eles são administrados. Esses aparelhos de poder geram a memória coletiva, e a repetição impõe aos sujeitos seu apagamento através das instituições que são igreja, estado, empresa, partido e escola, etc. Esses aparelhos de poder dividem os que estão autorizados a ler, a falar e a escrever, distribuídos pelas diferentes posições dos sujeitos.

A seguir, apresentamos a nossa terceira análise.

- Análise 3



Fonte: Félix Bicha Má

Como as piadas anteriores, vamos iniciar pelos dois pensamentos possíveis de serem formulados pelo leitor, ao ler a frase. Em primeiro momento, pode-se considerar uma piada ingênua, uma despedida de alguém. No entanto, se continuarmos esse pensamento, chegaríamos à conclusão de que não haveria humor e, conseqüentemente, não poderia ser considerada uma piada, já que, segundo Freud (1905, p.67) “[...] só é um chiste o que eu permito que seja um chiste. Aquilo que é chiste para mim pode ser meramente uma história cômica para outras pessoas”. Freud ainda argumenta que isso não é um problema, até porque o chiste permite essa dúvida.

Mas um chiste admite essa dúvida só pode ser pela razão de que tenha uma fachada – nestes casos, cômica, cuja contemplação satisfaz uma pessoa enquanto outra pode tentar inquirir por trás dela. Emerge, além disso, a suspeita de que tal fachada tencione deslumbrar a mirada inquisitiva, tendo essas histórias alguma coisa a ocultar (FREUD, 1905, p.67)

Para Freud (1905), essa ocultação de algo, não é apenas ocultar o que dizer, mas também o fato de que haja algo proibido de dizer. Assim, esse cômico deixa de ser ingênuo e torna-se tendencioso. E, com a ajuda da imagem, podemos imaginar uma certa ironia, já que o personagem parece estar muito feliz; os gestos (braços abertos) passam uma sensação de alívio. Como se fosse um livramento. Algo que estava incomodando e agora não incomoda mais, porque foi embora.

A compreensão dessa piada não está apenas nas palavras, mas no momento em que a piada foi lançada. Se considerarmos o meio de produção, essa piada foi divulgada no dia em que a presidente Dilma foi afastada da presidência da república, para ser julgada em um processo de impeachment, que, por sua vez, é um processo instaurado com base em denúncia de responsabilidade contra a autoridade maior do presidente do executivo. A partir daí o país dividiu-se em apoiadores e opositores do governo, pois a presidenta não tem nenhum crime de responsabilidade administrativa comprovada. Assim, muitos rejeitam esse processo; outros o apoiam, por conta da crise financeira que pesa sobre o país. Recai a responsabilidade sobre a presidenta, a qual é acusada de não cumprimento da lei orçamentária, pois autorizou despesas extras, acima da meta fiscal que, por seu turno, é a meta da economia pública anual para pagar a dívida pública. Além disso, também houve denúncias de empréstimos a bancos públicos e a não aceitação do congresso para a conclusão desses fins. As comissões que analisaram o caso, a câmara do senado e a advocacia geral da união, afirmam que não há crime de

responsabilidade fiscal, alegando-se esses mesmos atos também foram praticados por governos anteriores.

Nesse caso, a população envolveu-se no processo, os revoltosos utilizaram-se da mídia alternativa, fizeram passeatas para demonstrar em sua opinião. Até que o Plenário do Senado Federal votou o afastamento da presidenta. Este foi recebido com festa por uns; renegada por outros.

Com essa consideração, podemos dizer que é uma piada política, tanto que muitos políticos contrários aos petistas apareceram em redes midiáticas com um cartaz escrito “Tchau, querida!”. Dessa forma, para sabermos onde está a causa do riso, podemos afirmar que não está evidente. Apenas parte da população que é a favor do afastamento pode ter chegado ao riso. Já a população contrária, pode ter considerado uma piada sem graça, ou um insulto, por conta de não concordar com o contexto que a piada salienta. Pois, segundo Orlandi (1999, p. 47): “O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos”. Assim, esse riso depende da posição do sujeito e da relação com a língua, com a história, as formações discursivas que o interpelaram e as ideologias estigmatizadas. Orlandi (1999) afirma que a ideologia faz parte da constituição do sujeito e dos sentidos.

A evidência do sentido – a que faz com que uma palavra designe uma coisa – apaga o seu caráter material, isto é, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante. As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações. Este é o efeito da determinação do interdiscurso (memória). Por sua vez, a evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia (ORLANDI, 1999, p.46).

Assim, segundo Orlandi (2007a), o leitor é determinado pelo dispositivo ideológico, ou seja, ele se constitui e está sobre o efeito do apagamento da alteridade (exterioridade, historicidade). O leitor tem a ilusão de que é origem do dizer, já que a subordinação fica menos visível porque se sustenta na ideia de um sujeito livre, dono das suas escolhas. O sujeito desconhece o fato de que todo dizer é ligado à memória.

Por outro lado, este dispositivo ideológico não se faz do nada. Ele se produz no espaço da relação linguagem/mundo, sócio historicamente determinada. [...] Por isso mesmo é que o dizer tem um “peso” ideológico: porque o gesto de interpretação materializa a inscrição do sujeito em uma formação discursiva, isto é, em uma posição. O sentido é sempre sentido *para*, e não sentido *em si*. A ambiguidade inscrita na própria noção de assujeitamento – sujeito a e sujeito de – tem relação com a produção de sentidos no

jogo entre formações discursivas que repartem o sentido, que trabalham a divisão da interpretação. O fato da interpretação é sintoma dessas diferenças, dessa contradição (sujeito a/sujeito de). A ideologia, então, é o apagamento, para sujeito, de seu movimento de interpretação, na ilusão de “dar” sentido (ORLANDI, 2007a, p. 95).

Dessa forma, o sentido não está solto, ele é controlado por mecanismos de controle, mas os discursos também exercem o seu próprio controle. E o sentido se constitui a partir do sujeito que, sendo interpelado pela ideologia, interpreta. Nesse caso, pode ou não chegar ao riso. Podemos também dizer que essa piada tem uma predominância do discurso polêmico, já que muitos não estão convencidos da ideologia que está sendo perpassada. Uma boa parte da população está na defesa da presidenta; um outro lado, também bem significativo, contra a ela. A ironia do “tchau, querida!” também é muito evidenciado. Já que se utiliza do humor para tornar uma ideologia dominante, aceita e naturalizada pela sociedade. Mesmo sendo apenas uma expressão que pode ser considerada simples, a ironia presente nessa palavra “querida” é muito forte. Pois podemos retomar todo o processo de dominação e preconceito contra as mulheres, explicitados na primeira piada analisada, já que a presidenta era uma militante e tornou-se a maior autoridade de um país machista.

Assim, este termo “querida” que traz uma significação de ironia, deixa claro que a presidenta não estava sendo bem vista ali. Que a posição que ela ocupa, de autoridade maior, chefe do executivo, não agrada e a repudiam. O poder do discurso machista domina ainda vários espaços que deveriam ser contra esses discursos, já que, teoricamente, os políticos defendem os interesses dos cidadãos. Mas se utilizam do riso para implantar discursos preconceituosos, enraizados na sociedade.

Enfim, se analisarmos apenas os termos presentes na piada, podemos inferir que o repúdio é consequência de uma mulher estar onde a sociedade não gostaria que ela estivesse. Isso porque, para uma sociedade machista, o homem é o centro e mais importante ser, uma mulher nunca poderá estar acima dele. Como não pode expor esse discurso, utilizou-se do riso, da ironia, de uma palavra carregada de preconceito, já que a palavra “querida” significa bem querer, uma pessoa amada, respeitada, mas nessa piada é utilizada de modo contrário, como o livramento de algo que não deveria estar ali. Por isso, para o bom entendimento dessa piada, é necessário o conhecimento prévio, todo o contexto atual para conseguir entender a ideologia que está sendo perpassada por ela.

A seguir, apresentaremos a nossa quarta análise.

- Análise 4



Fonte: Bode Gaiato

À luz de uma análise linguística, na primeira frase, temos uma pergunta ambígua, podendo ter dois tipos de interpretação ou de pensamento, segundo Possenti: a senhora questiona se é permitido tomar o remédio receitado, mesmo estando com diarreia, ou seja, se não tem nenhum efeito colateral, ao tomar a medicação. A segunda interpretação é a de tomar a medicação, ou melhor, para engolir a medicação, com a diarreia. Pela resposta do referido médico, entende-se que ele levou em consideração a segunda interpretação, a qual se tornou a causa do riso. Essa escolha reafirma os postulados freudianos, segundo os quais o feio, nojento, desprezível torna-se a causa do riso. Ouvir o contrário do que se esperava é o provocador do riso. Para Freud (1905, p. 21), “as palavras são um material plástico que se presta a todo tipo de coisas. Há palavras que, usadas em certas conexões, perdem todo o seu sentido original, mas o recuperam em outras conexões”. Chama-se condensação, pertubadora alusão à custa de uma única letra ou abreviação do material verbal no caso dessa piada.

Nesse caso, a piada com a falta de pontuações e as abreviações das palavras, que serve tanto para a ambiguidade, como para evidenciar a referência ao nordestino, pois a página do “Bode Gaiato” já situa o leitor no Nordeste do Brasil, é o efeito do riso, a válvula de escape, pois a leitura leva a duas ou mais interpretações. No entanto, o discurso é condicionado na segunda frase. Para AD, a análise não é apenas um trabalho de compreensão e não procura apenas um único sentido. Segundo Possenti (2000), necessitamos de um conhecimento prévio, já que os sentidos não são evidentes. Para Orlandi (1999), a formação discursiva é definida por uma conjuntura sócio histórica dada e, a partir dessa conjuntura, é determinado o que pode e deve ser dito. Até mesmo nas piadas.

Para a análise discursiva, explicitarmos as diferenças entre as regiões nordeste e sudeste, a fim de entendermos melhor a produção de sentido dessa piada. Sabemos que, uma grande parcela da sociedade tem uma visão de que o nordestino não tem instrução, é humilde, sem condições de saneamento básico e que vive de maneira precária. Essa depreciação advém de vários períodos históricos da formação do povo brasileiro. No período colonial, enquanto a região sul prosperava na construção de pequenas cidades, a região norte convivia com os quilombos e negros que fugiam e se escondiam na mata, onde preservavam a sua cultura, a sua ideologia.

A propriedade começa como propriedade tribal e a estrutura social é a de uma família ampliada e hierarquizada por tarefas, funções, poderes e consumo. A segunda forma da propriedade é a comunal ou estatal, isto é, propriedade privada coletiva dos cidadãos ativos do Estado (Grécia, Roma, por exemplo), e a estrutura da sociedade é constituída pela divisão entre senhores (cidadãos) e escravos. Esta separação permite aos senhores se distanciarem da terra e dos ofícios, que ficam a cargo dos escravos – esta separação leva os senhores a viverem nas cidades e a partir daí se estabelece a separação entre a cidade e o campo, de onde resultarão lutas sociais e políticas (CHAUÍ, 1980, p. 24).

Mesmo após a abolição, a região Nordeste permaneceu com a produção agrícola. Segundo Araújo (1997), a produção de açúcar e de algodão, na década de 1930, trouxe um grande desenvolvimento para a região Nordeste. Porém, a industrialização e a mecanização do Sudeste abriram concorrência na produção de açúcar e de algodão, com um menor custo, já que a produção era mecanizada e necessitava de um número menor de mão de obra. Isso fez o mercado nordestino despencar. Assim, a única alternativa do nordeste foi a exportação.

Ainda segundo Araújo (1997), as raízes históricas do nordeste, associadas à monocultura açucareira, à mão de obra desqualificada (pois o nordeste tem o maior índice de analfabetos) e ao clima (semi-árido), fizeram que a tal região tivesse um alto índice de desigualdade social do país.

Nossa tendência, então, será a de dizer que há uma contradição entre a idéia de educação e a realidade. Na verdade, porém, essa contradição existe porque simplesmente exprime, sem saber, uma outra: a contradição entre os que produzem a riqueza material e cultural com seu trabalho e aqueles que usufruem dessas riquezas, excluindo delas os produtores. Porque estes se encontram excluídos do direito de usufruir os bens que produzem, estão excluídos da educação, que é um desses bens. Em geral, o pedreiro que faz a escola; o marceneiro que faz as carteiras, mesas e

lousas, são analfabetos e não têm condições de enviar seus filhos para a escola que foi por eles produzida (CHAUÍ, 1980, p. 26).

Nesse sentido, a região nordeste foi inferiorizada da mesma forma que pequenas regiões que circunvizinham as grandes cidades. Essas pequenas regiões são chamadas de favelas. As regiões mais desenvolvidas imaginam ser superiores, pois com o desenvolvimento capitalista se sobressai quem possui uma maior arrecadação e índices de desenvolvimento.

A própria palavra: ‘civilizado’ é derivada de civitas, ou seja, refere-se àquele que vive nas cidades e tem acesso à participação política e ao pensamento filosófico-racional, que figuram como processos e relações produzidos próprios desse espaço. A industrialização, ocorrida a partir do século XVIII na Europa, potencializaria ainda mais a oposição entre rural e urbano, no que se refere ao acesso à educação formal, pois se tornava necessário educar para o trabalho industrial característico das cidades e do ‘mundo civilizado’. O campo, por sua vez, ficaria excluído do projeto capitalista de educação na sociedade industrial que emergia. Dessa forma, é interessante notar que o ‘homem educado’ da sociedade moderna seria conhecido como sinônimo de ‘homem civilizado’, ou ‘polido’, ao passo que designações depreciativas como as de ‘atrasado’, ‘ignorante’, ‘matuto’, ‘xucro’, ‘simplório’, ‘peão’, ‘caipira’, etc., seriam associadas ao ‘homem do campo’ (PERES, 2011, p. 4).

Mesmo depois de demonstrar índices de desenvolvimento, as regiões sul e sudeste liberaram um discurso de repúdio aos nordestinos, trazendo todo o preconceito já estabelecido desde a sua formação social. Fizeram piadas de questões como a seca (que até hoje não tem soluções eficazes), o analfabetismo (apesar do PNAD afirmar que o analfabetismo na região nordeste baixou o índice, sendo a maior queda do analfabetismo durante os oito últimos anos, de 22,5% em 2004 para 17,4% em 2012). Mesmo com o PNAD afirmando o crescimento do alfabetismo na região nordeste, os altos índices de analfabetismo no país ainda são na região nordeste. E esse índice é evidenciado na zona rural. Segundo os dados do INEP (2007), os jovens de 15 anos ou mais têm uma escolaridade média de 3,4 anos de estudo, já a população urbana possui uma média de 7,0 anos. Outros dados revelam ainda que no meio rural brasileiro 6% das crianças de 7 a 14 anos encontram-se fora dos bancos escolares; apesar de 65,3% dos jovens, de 15 a 18 anos, estarem matriculados, 85% deles apresentam defasagem de idade-série, o que indica que eles ainda permanecem no ensino fundamental; e que somente 2% dos jovens que moram no campo frequentam o ensino médio. Mas se for comparar com índices de anos anteriores a melhora é significativa dos dados estatísticos. O número de nordestinos alfabetizados aumentou consideravelmente, apesar de ainda existir

uma forte ideologia, de acordo com Peres (2011) de que o nordestino é ignorante, peão, atrasado, etc.

Esse preconceito está sendo perpassado na piada, mas principalmente na imagem, pois representa o nordestino com a imagem de um bode, com uma fala oral, sem instrução, tratando de saberes fortemente marcados pela ideologia, a qual faz transparecer os sentidos dominantes. Mas, para compreendê-los, é necessário conhecer alguns fatos aos quais fazem alusão. Dessa forma, uma piada que poderia ser interpretada apenas pelo duplo sentido do questionamento da senhora ao médico traz sentidos que necessitam de um conhecimento prévio para perceber a ideologia instaurada.

Segundo Possenti (2007), as piadas são as que mais claramente são fundadas na manutenção ou retomada dos antigos discursos. Freud (1905) entende que esses discursos retornam a consciência, ou seja, de forma disfarçada, eles são manifestados. Como retornaram nessa piada que retoma a formação nordestina, a qual foi formada de maneira precária, com condições precárias, muito diferente da região sudeste, centro-oeste que se tornaram grandes centros urbanos que concentram muitos poderes econômicos do país. A memória retoma esses discursos ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, e os torna coletivos. Como são marcados pela ideologia socialmente institucionalizada, presentes nas redes sociais e causam uma dominação ideológica sob a forma de novas formações discursivas. Para que fique evidente a dominação da região sul sobre a região nordeste.

Mas os discursos não retornam da mesma maneira, utilizam-se de processos parafrásticos e polissêmicos, e no caso das piadas, o humor. A ideologia está impregnada na ambiguidade e no jogo de palavras, como é o caso dessa piada.

É importante salientar a imagem dessa página “Bode Gaiato”, já que a imagem funciona como um dispositivo, e faz com que o leitor retome, através da memória, o discurso dominante.

[...] na determinação teórica de que a ideologia tanto pode se materializar em imagens no momento da produção das mesmas (quando da seleção e recorte do mundo que irá priorizar certos elementos, em detrimento de outros), quanto do momento da leitura dessas imagens por sujeitos-leitores, que por mecanismos inconscientes que não dominam – pelo menos não em sua totalidade – instauram sentidos cristalizados por ideologias que, apesar de parecerem antigas e defasadas, se vinculam e determinam discursos que sustentam a máxima de que a imagem seria um tranquilo reflexo do real (MEDEIROS, 2009, p. 99).

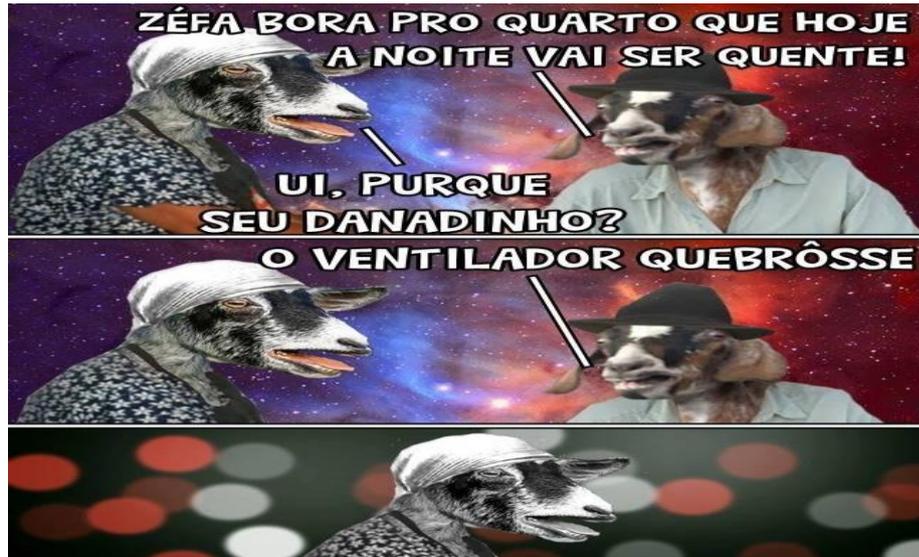
O sentido deve vir seguido com a imagem para a interpretação, para aparecerem retornos que não estão explícitos visualmente, em um primeiro momento na piada. Esses retornos que citamos fazem parte do discurso dito dominante e são determinados ideologicamente. A ideologia sustenta os já ditos que foram institucionalizados, e o leitor os admite como natural. A piada quer perpassar para o leitor imaginar e crer que todo nordestino, no geral, sofre com a seca, é inculto, humilde, pobre, não tendo como fugir dessa condição. Essa formação ideológica concentra-se na superioridade das regiões sudeste e centro-oeste e, conseqüentemente, na superioridade da região sul. Até é interessante notar a imagem do médico, pois para tal profissão ele deve ser graduado, no entanto, na imagem também é representado com a imagem de um bode, pois o médico conseqüentemente, apesar da sua instrução, também é nordestino e, mesmo tendo acesso à educação, também se torna inferior em comparação ao sulistas.

Esse processo de inferioridade advém de muitos anos atrás, como mencionado, mesmo com a divulgação de pontos turísticos, festas culturais e lugares turísticos, o nordeste ainda é visto de um modo inferior. Porém, os nordestinos visando mudar esse quadro tentam divulgar nomes de escritores, pessoas cultas que nasceram e viveram no nordeste. A publicação de conservação de culturas como o mandacaru, os festejos juninos etc.

Por outro lado, para o dono da página “Bode Gaiato”, que é nordestino, ele utiliza essas piadas para amenizarem esse efeito de inferioridade que a região norte/nordeste tem pela visão das regiões sul/sudeste. E que a imagem do bode, é porque tudo fica mais engraçado pela fala de um animal, as cores de galáxia são para parecer uma coisa transcendental, fora do comum. Os nomes do bode, Junin, dona Zéfa, são nomes comuns no nordeste. E as expressões nordestinas são apenas um modo de valorização da cultura nordestina. Assim, podemos dizer que há vários tipos de interpretação e sentido. O que para uns é uma depreciação, isto é, a imagem de um bode, a fala oral, a ingenuidade, a roupa estampada, o lenço na cabeça, seria uma deterioração na imagem do nordestino, para outros não, seria uma valorização da cultura e vida nordestina. Isso se dá pela posição dos sujeitos e as condições de produção, pois as formações discursivas e a ideologia que interpelam fazem com que as palavras produzam diversos sentidos e conseqüentemente diversas interpretações.

A seguir, apresentaremos a nossa quinta análise.

- Análise 5



Fonte: Bode Gaiato

Essa piada tem semelhança com as piadas tradicionais, uma pequena narrativa, no qual o primeiro quadrinho insinua que o marido de dona Zéfa ao chamá-la para o quarto esteja chamando-a para ter relações sexuais com ele, que pode ser interpretado por essa frase “a noite vai ser quente”. A resposta da dona Zéfa também ilude o leitor nessa mesma proposta “ui, porque seu danadinho?”. Já no segundo quadro ele explica o motivo de a noite ser quente, pois o ventilador quebrou. E no terceiro quadro a imagem de Dona Zéfa decepcionada. Pois ela percebe ao leitor que gostaria de ter relações sexuais com o marido.

Esses quadrinhos demonstram um assunto comum no cotidiano de muitos casais. A convivência, após o casamento e depois de muitos anos juntos, os problemas cotidianos começam a fazer o casal afastar-se. Freud (1905) explica que antigamente o casamento era um acordo entre famílias e muitas das vezes não consentida pelos noivos, por isso foi perpassado a ideia de repulsa do marido em relação à esposa. “A agressividade disfarçada dirigia-se contra pessoas – nos chistes do agente, contra alguém envolvido no negócio de arranjar casamento: o noivo, a noiva e seus pais” (FREUD, 1905, p.68). Freud (1905) salienta que essa agressividade não é necessariamente na pessoa e sim sobre as instituições. Já que o noivo, a noiva e os pais podem representar instituições, dogmas morais ou religiosos.

Entre as instituições habitualmente atacada pelos chistes cínicos, nenhuma é mais importante, mais estritamente guardada pelos códigos morais e ao mesmo tempo convidativa a um ataque, que a instituição do casamento à qual, pois, se dirige a maioria dos chistes cínicos. Não existe reivindicação mais pessoal que a liberdade sexual e em nenhum outro ponto a civilização exerceu supressão mais severa que na esfera da sexualidade (FREUD, 1905, p. 70).

Esses estigmas são perpassados a população. Pois apesar de ideologias antigas é frequente este tipo de relacionamento. A relação conjugal, principalmente na região nordeste ocorre muito cedo, geralmente na adolescência. O casal ainda não tem maturidade para uma vida a dois. O casal não possui uma intimidade conjugal que, com o passar do tempo, se afastam, e apenas convivem juntos. Nesse ponto, o relacionamento torna-se desgastado e nem sexualmente o casal se satisfaz. Como ocorre nessa piada, Dona Zéfa reflete o envolvimento emocional das mulheres e o marido reflete o homem rude, agressivo, indelicado com a esposa.

Podemos nos perguntar, ao ler essa piada, qual o motivo do riso? Talvez o leitor possa se identificar com a piada por estar passando a mesma situação ou imagina que a vida de casado deve ser assim, ou talvez da falta de sorte do marido que casou com uma mulher supostamente feia, já que ele não demonstra interesses sexuais por ela. Segundo Freud (1905) o prazer do riso deve proceder de um propósito, ou seja, uma satisfação. O mais simples seria algum obstáculo externo, no caso o marido estava falando do ventilador e a resposta da esposa leva o leitor a uma interpretação mais tendenciosa. Outra seria a hipótese de um relacionamento sexual, como falar de sexo causa uma inibição, pois socialmente tornou-se um tabu, não se pode falar livremente, acaba atingindo o inconsciente e libertando o leitor de uma inibição interna.

No entanto, a piada é simples e torna-se inocente, o leitor que cria hipóteses que o levam ao riso. Isso porque as características das piadas como o jogo das palavras, a ambiguidade, as lacunas levam, encaminham o leitor a um pensamento mais tendencioso. A relação do homem com a sua exterioridade é primordial, o texto é objeto de interpretação. O sujeito não produz só um discurso e nem é interpelado apenas por um, pois, segundo Orlandi (2007a, p.60), “o sentido sempre pode ser outro e o sujeito (com suas intenções e objetivos) não tem o controle daquilo que está dizendo”. Esta relação se faz com a ligação comum com a língua. “Em outras palavras, a compreensão do lugar da interpretação nos esclarece a relação entre ideologia e inconsciente, tendo a língua como lugar em que isso se dá materialmente” (ORLANDI, 2007a, p.63). A autora explica que Pêcheux trata a significação, com dois lados, de um lado a língua com o inconsciente e do outro o interdiscurso. Assim a interpretação é sempre estabelecida pela ideologia que é regida pelas condições de produção que aparecem como universais e eternas esse efeito, causa ao sujeito a impressão de um sujeito único e verdadeiro. Isso porque, para o sujeito, é como se os sentidos tivessem nas palavras, apagam-se as condições de produção e desaparece o modo que pelo qual a exterioridade o constitui. Dessa forma, a interpretação aparece transparente dando a ilusão ao leitor que o sentido já

está lá.

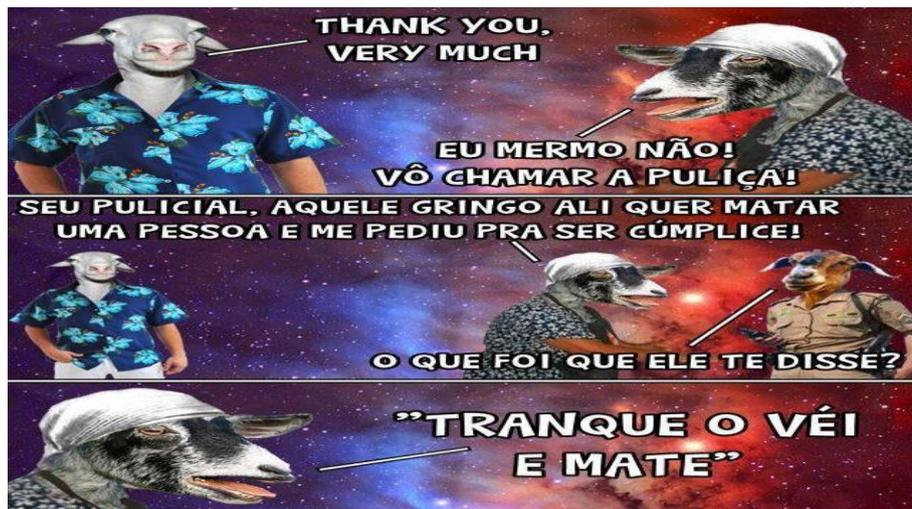
Segundo Orlandi (2007a) o sentido que não se historiciza é ininterpretável. Assim, o dizível é o repetível, isto é, tem como condições a repetição. Isso é o efeito de pré-construído (já dito) na relação com o interdiscurso. Mas é bom salientar que o discurso já existe independente do sujeito, que por sua vez, é uma posição discursiva podendo variar de acordo com o contexto. Dessa forma, para que o sujeito pode ter a permissão de contar uma piada, ter autoridade para falar, e em outro momento pode ser o ouvinte. No entanto, não basta apenas ter autoridade para falar e criar sentido para a palavra, a palavra para que a palavra faça sentido é preciso que ela já tenha sentido. No caso dessa piada, o leitor deve ter uma consciência mais tendenciosa para levar ao riso, pois a graça da piada é essa quebra de *script*, o leitor imagina uma coisa e é outra. Essa tendência ou pensamento no primeiro momento, a mulher querendo ter relações sexuais com o marido é deparada com um convite “vamos para o quarto”, esse primeiro pensamento não pode ser dito diretamente até mesmo porque o tema é considerado um tabu, um discurso que não pode ser declarado publicamente, assim, para dar uma alusão que realmente está falando de sexo, a continuação, “a noite vai ser quente”.

Segundo Orlandi (2007a), a ilusão de que o sentido nasce ali, não tem história. Esse é um silenciamento necessário, inconsciente, constitutivo para que o sujeito estabeleça sua posição, o lugar do seu dizer possível. A piada utiliza-se desses silêncios, contidos nas palavras, pois o silêncio não é o ato de calar-se, mas é o ato de significar. O dessa piada o silêncio é o que está no não-dito, o silêncio constitutivo, pois para dizer é preciso não dizer. Dessa ilusão resulta o movimento da identidade e o movimento dos sentidos: eles não retornam apenas, eles se transformam, eles deslocam seu lugar na rede de filiações históricas, eles se projetam em novos sentidos.

Assim, os sentidos nunca, jamais estão soltos, existem condições de controle, uma direção para o leitor seguir na interpretação que constitui a posição do sujeito.

A seguir, apresentamos a nossa sexta análise.

- Análise 6



Fonte: Bode Gaiato

Essa piada é um exemplo clássico das piadas que Possenti analisa. Para o teórico a graça dessas piadas como essa de língua estrangeira é a tradução baseada na pronúncia. A frase em inglês “Thank you, very much” que é apenas um agradecimento foi entendida de um modo muito diferente por dona Zéfa que foi contar ao policial no segundo quadro e no terceiro somos surpreendidos pela tradução “errônea” de dona Zéfa.

A pronúncia de “Thank” (soa com um “r” no lugar do “h” e o “k” como “qu”) o “very” como “véi” e “much” como “mate” Assim, segundo Possenti (1998) a graça da piada é emparelhar o português com a pronúncia do inglês.

Além da interpretação equivocada a graça da piada está também na ingenuidade de dona Zéfa que fala com o policial acreditando que o homem quer que ela cometa um crime. A expressão escrita pela forma oral com palavras como “mermo, puliça, vô, véi” demonstra que a personagem não tem instrução.

Outro algo interessante é as cores fortes que as piadas da página bode gaiato utiliza, e a diferença, já que todos são bodes, mas de quem tem uma certa instrução, escolaridade e os que não tem, nessa piada, uma coisa que não passa despercebida é a cor do estrangeiro, muito branco, sem manchas, tem uma superioridade maior do que a do policial, que possui também uma certa autoridade pela cor diferenciada, comparando com dona Zéfa. Não vamos nos prolongar nesses efeitos de cores, mas elas fazem parte das condições de produção, pois as piadas foram tiradas do facebook, e todo o contexto: histórico, ideológico, de situação, funcionam conjuntamente, e traz as formações discursivas anteriores à tona. As formações

imaginárias são resultado desse conjunto, formações discursivas anteriores e de condições de produção que dão origem a tomadas de posição. Segundo Possenti (1998) essas tomadas de posição são dizeres atravessados pelos já ditos. É a retomada da memória, aquilo que foi dito, arquivado, e agora é retomado.

Essa piada entrelaçada com o cômico funciona como um controle social. É possível, através de a grande mídia ditar tendências de movimentos e ações de uma pessoa, gestos, o modo de falar, hábitos e modos de vestir. Temos esses exemplos em muitas novelas que lançam “moda” e depois se torna uma febre na sociedade, como exemplo, a novela indiana transmitida pela rede globo, após alguns meses, tinha muitas mulheres usando as roupas com o estilo indiano, jargões típicos dos seus personagens preferidos, mesmo sem nunca ter ido a Índia. Pela piada essa demonstração de controle não é tão nítida, mas é perpassada através de procedimentos, que aqui nessa piada, o exagero, grotesco, com a imagem de um bode, com cores extremamente fortes, significa juntamente com os sentidos das palavras.

Nessa piada também encontramos a questão da desigualdade, a falta de instrução e a pobreza, realidade que no nordeste é mais notória. As famílias da zona urbana se sobressaem comparada com a da zona rural. A falta de investimento da agricultura, a seca, e diversos outros fatores que prejudicam o trabalhador rural. A distância da cidade também prejudica o agricultor, pois tem maior dificuldade em concluir os seus estudos. Os filhos também são prejudicados, muitos não completam o ensino médio. A ingenuidade de dona Zéfa provém da falta de instrução, conhecimento de mundo, que a faz a não perceber que é outra língua. Ela não tem o conhecimento da língua inglesa, de um outro país, e é esse desconhecimento que causa toda essa tradução equivocada e gera o riso ao leitor.

Por mais que hoje a realidade dos trabalhadores da zona rural seja diferente, muitos já possuem escolaridade, tem meios de transporte, mas mesmo assim, são desprestigiados pela sociedade Isso porque é perpassado ideologicamente que o homem do campo é pobre, analfabeto, que só sabe lidar com a terra, um “tabaréu”, expressão muito usada no nordeste, para insultar uma pessoa ingênua, tímida. Nesse pensamento, o gatilho do riso é a “burrice” de dona Zéfa, a qual não entende que o homem (ou bode) está falando em língua estrangeira. Talvez o próprio leitor também não entenda a primeira fala, e se veja em dona Zéfa.

É importante salientar o prestígio que a língua americana tem. Já que se fosse qualquer outra língua inferior a válvula de escape, a considerada “burra” não seria ela e sim quem pronunciou, mas os Estados Unidos e uma grande quantidade de países que tem o inglês como língua oficial e a maioria desses países tem uma renda per capita alta, são as grandes potências do capitalismo e isso faz com que eles tenham uma superioridade na sua cultura,

comportamento e a língua que se sobressai em relações ao português, por exemplo, que é a língua oficial em países subdesenvolvidos. Assim, dona Zéfa era para ter se submetido ao discurso superior que causa respeito e medo. Esse temor dona Zéfa não teve, pois não tinha conhecimento do sujeito de direito. Se olharmos por essa visão, podemos notar que dona Zéfa não é a enganada, ingênua e inocente como perpassa a piada em um primeiro momento, pois ela não perpetuou a ritualização permanente das regras. Já que, segundo Foucault, essas regras foram determinadas pela disciplina, que por sua vez, fixa os limites pelo jogo de uma identidade e ritualização das regras. A disciplina é constituída de erros e verdades e para que haja é necessário formular proposições novas, como dona Zéfa. Mas como já comentamos aqui, neste trabalho, mesmo o discurso que se encontra no verdadeiro, ele obedece a regras, tipo uma policia discursiva e seguir a certas regras e o sujeito, ao se pronunciar, deve estar qualificado para tal ato. Dessa forma, mesmo que dona Zéfa estivesse certa, e apenas interpretando a questão de modo diferente, ela não tem autoridade para falar, pois, segundo Foucault (2003) o indivíduo qualificado para falar determina posições e formula determinados tipos de enunciados.

Nessa piada retomamos o discurso de superioridade e inferioridade das piadas anteriores entre as regiões sul/sudeste e norte/ nordeste e a direcionamos em América do Norte e América do Sul, que neste caso, a América do Norte se sobrepõe a América do Sul, já que tem um poder econômico maior. Assim, podemos inferir que o poder, no capitalismo, é dado para quem tem uma renda maior, e os de renda média ou baixa são considerados inferiores por não conseguirem alcançar uma maior produção.

A seguir, apresentaremos a nossa sétima análise.

- Análise 7



Fonte: Piadas do Gatinho

A pergunta refere-se à quantidade: precisamos de quantas pessoas para acabar com o Brasil? De várias? Um Exército? Mas o leitor é surpreendido com a resposta, a qual afirma que somente de uma pessoa. Mas o humor, a válvula de escape do inconsciente não está aí e sim no processo de justaposição e comparação que se encontra na piada, “de uma” “diuma” e faz referência à presidente atual pela semelhança com o nome “Dilma”. Nesse sentido, podemos dizer que essa piada é uma crítica a presidenta Dilma. E através do humor, faz-se um questionamento sobre a gestão da Presidente eleita. Pois o país sofre com uma crise econômica e o retorno da inflação, porque a ideologia nos faz acreditar que é o “certo”, mesmo tendo vários sentidos, mas ideologicamente pensamos em apenas um. Segundo Orlandi (2007a, p.31) “é a ideologia que produz o efeito de evidência, e da unidade, sustentando sobre o já dito os sentidos institucionalizados, admitidos como “naturais”.

O Brasil, como já foi explicitado anteriormente, após o seu histórico de colonização, elevou o índice de pobreza no país, no entanto, atualmente os dados demonstram que houve uma elevação de renda. Milhões de pessoas saíram de condições de extrema pobreza e tiveram melhores condições de vida. Também é importante salientar que as regiões norte e nordeste têm os maiores índices de renda per capita, apesar que nas grandes cidades como São Paulo ou Rio de Janeiro tem índices consideráveis de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza. Vivem à margem da sociedade, as favelas, hoje cenário dominante nas grandes cidades, o desemprego é uma das causas.

A desigualdade de renda, a falta de emprego faz do Brasil o 8º país com índices mais altos de desigualdade, segundo dados da ONU, que apontam como causador dessa desigualdade três pilares coloniais: a influência ibérica, os padrões de títulos de posse de latifúndios e a escravidão. A falta de controle da natalidade também é evidenciada na piada e citado como fator de desigualdade.

Assim, na primeira compreensão da piada pontuamos que ele tem um fundamento político, ou seja, foi feito apenas para fazer uma depreciação da imagem da presidente petista, visto que é feita uma “brincadeira” de comparação de um processo de justaposição e o nome da presidente. Uma degradação a figura pública responsabilizando-a por todo o processo de crise política e econômica. Colocando-a como única culpada, desconsiderando todo o processo histórico. Esse processo de justaposição “diuma” é a válvula de escape que o inconsciente utiliza-se para se manifestar.

[...] quando se diz que os homens são livres por natureza e que exprimem essa liberdade pela capacidade de escolher entre coisas ou entre situações dadas, sem que se analise quais coisas e quais situações são dadas para que os homens escolham. Quem dá as condições para a escolha? Todos podem realmente escolher o que desejarem? O nordestino, vítima da seca e do proprietário das terras, realmente ‘escolhe’ vir para o sul do país? Escolhe viver na favela? O peão metalúrgico ‘escolheu’ livremente fazer horas-extras depois de 12 horas de trabalho? A menina grávida que teme as sanções da família e da sociedade ‘escolhe’ fazer um aborto? A definição da liberdade como igual direito à escolha é a ideia burguesa da liberdade e não a realidade histórico-social da liberdade (CHAUÍ, 1908, p. 34).

A ideologia de que o homem é livre e dono de suas escolhas é perpassada para a sociedade. A ideia de liberdade instaurada causa uma sensação que o sujeito é livre. No entanto, o Estado exerce a sua autoridade sobre o indivíduo, e leva-o a interiorizar a ideia de coerção, de manipulação, e ao mesmo tempo faz com que ele tome consciência de sua autonomia.

[...] a ideologia será percebida como o processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular que apareceria, no entanto, como a interpretação necessária e que atribui sentidos fixos às palavras, em um contexto histórico dado. (ORLANDI, 2007a, p.65).

Dessa forma, a ideologia faz com que a subordinação não fique visível “porque se sustenta na ideia de um sujeito livre e não determinado quanto as suas escolhas” (ORLANDI, 2007a, p.90). A submissão a política, religião, aos comportamentos sociais, torna-se quase imperceptível e já naturalizada pelos sujeitos. Antes, segundo Orlandi (2007a) na Idade Média eles eram vistos com as punições a resistências. Hoje também existem, mas pela ideologia os sujeitos repetem a interpretação dada, sendo assim, não há espaço para a interpretação. Para Orlandi (2007a) nessas condições não há resistência.

Ainda segundo a mesma autora, a ideologia transforma os indivíduos em sujeitos, que por sua vez é uma posição. É a argumentação que constitui essa posição, assim, as intenções já estão determinadas pelas diferentes posições do sujeito, ou seja, “no nível da formulação, o sujeito já tem sua posição determinada e ele já está sob o efeito da ilusão subjetiva, funcionando ao nível imaginário, afetado pela vontade de verdade, pelas suas intenções, pelas evidências de sentido e pela ilusão referencial” (ORLANDI, 2007a, p.50).

Assim, os argumentos são produzidos pelos discursos vigentes e derivam das relações do discurso. Aí temos a seguinte pergunta: porque o sujeito segue por essa ou aquela argumentação? É que a linguagem é social, é histórica, o sentido muda, pode ser outro, dependendo da minha relação com as condições de existência, pois o discurso já existe

independente do sujeito.

Podemos expandir a noção de arquivo, se pensamos que todo dizer se liga a uma memória. Para dizer, de certo modo, todo sujeito “recorre” a um “arquivo”, aos discursos disponíveis. Todo sujeito tem seu “discurso textual” (ORLANDI, 2007a, p.95).

Sendo assim, as piadas tem várias interpretações decorrentes do arquivo do sujeito, das relações com as condições de existência, etc. São diversos fatores que levam o sujeito a idealizar isso e não aquilo.

A seguir, apresentamos a nossa oitava análise.

- Análise 8



Fonte: Piadas do Gatinho

Nessa piada podemos ter vários direcionamentos de interpretação, um deles é a brincadeira com o nome da operadora, “claro”, foi feita uma oposição (claro /escuro) comparando com a cor da pele (escuro-negro/ claro-branco). No entanto, ao fazer essa comparação acende questionamentos que são afirmados no início e fim da piada. Quando o gato afirma que foi vítima de racismo e no final perguntando até quando isso?

Podemos também direcionar para uma crítica evidente na piada, já que muitos negros e descendentes lutam por igualdade, que ao ver o negro sendo desprestigiado, inferiorizado, utilizam da lei para uma retratação. Mas a sociedade condena esse ato e diz que é só brincadeira indefesa e recrimina os negros por isso. Como nessa piada, ao afirmar que é vítima de racismo e depois deixar nítido que a atendente não está perguntando da cor da pele e sim de qual operadora o cliente fala, causa uma depreciação da luta do negro pela igualdade.

Essa piada causa um enorme impacto, pois até hoje a imagem do negro é inferiorizada, tornando-se alvo de piadas que os denigrem, sendo comparados, só por causa da cor da pele, aos criminosos, favelados e marginais.

Esses discursos são estigmatizados na sociedade, e são originados a muitos séculos atrás, aqui no Brasil se intensificaram com a colonização. Essa luta é antiga ao comparar com a história das humanidades, várias raças foram escravizadas por causa da sua cultura, muitos arrancados a força das suas residências, por sequestros, ou vítimas de guerras, sendo levados a lugares onde eram vendidos e tratados como animais. No Brasil, mesmo após a “libertação” dos escravos, os negros não tiveram o reconhecimento da sociedade, sendo jogados nos subúrbios sem condições mínimas de sobrevivência. O negro foi excluído dos discursos modernistas de igualdade, pois não era considerado igual. A exclusão dos mestiços e negros levou a maioria dos negros a viver em favelas e a se sujeitar à elite. Os discursos de vítima que os colonizadores usavam com os colonizados implantavam uma ideologia falsa de bondade, caridade, que apenas “ajudou” o negro a sobreviver, a criar os filhos porque “trocou” culturas ou, utilizando o termos de Gilberto Freyre, assimilação luso- africana e luso tupi. Segundo Bosi (1992) Freyre trata de questões como tomar as terras indígenas, forçar os nativos a saírem do litoral, trazer os escravos à força, tomar para si o negro, como se fosse um objeto ou um animal, o abuso sexual das mulheres negras, tudo isso é relatado como se fosse um processo natural de sobrevivência dos homens brancos.

Gilberto Freyre insiste, em *Casa grande & senzala*, em louvar o senhor de engenho luso-nordestino que, despedido de preconceitos, se misturou, fecunda e poligamicamente, com as escravas, dando assim ao mundo exemplo de um convívio racial democrático. Sérgio Buarque prefere atribuir a miscigenação à carência de orgulho racial peculiar ao colono português. Ainda aqui seria preciso matizar um tanto as cores para não resvalar de uma psicologia social incerta em uma certa ideologia que acaba idealizando o vencedor (BOSI, 1992, p.28).

Logo os colonizadores só se aperfeiçoam utilizando a cultura dos subalternos, aproveitando-se da dança, da comida, da medicina natural. Mas escondem as diversas mortes e como o genocídio, citado por Bosi (1992) dos astecas e incas, o extermínio e a escravidão

dos nativos eram os estilos de interação social conhecidos pelos colonizadores. É importante ressaltar o poder instaurado por esses colonizadores e o desejo de poder que se sobressai nesses discursos. O desejo de ter, possuir o discurso dito verdadeiro, causa uma relação de tensão e arrogância ao discurso contrário. Sendo assim, mesmo com todas as lutas, as estruturas binárias continuam a existir porque a “ação colonizadora reinstaura e dialetiza as três ordens: do cultivo, do culto e da cultura” (BOSI, 1992, p.19).

Segundo Chauí (1980) essas estruturas foram produzidas por relações sociais e representações pensadas, pois os colonizadores depende dos colonizados, assim, como atualmente, os proprietários necessitam dos trabalhadores. É a condição capitalista, para que haja a existência dos proprietários, é preciso a exploração dos não proprietários. Dessa forma, mesmo os negros estando livres, eles encontraram as mesmas condições de trabalho que davam a continuidade da escravidão. Temos aí uma transformação ou modificação da formação discursiva, no entanto, não é uma formação discursiva nova. Ela apenas foi modelada pelos moldes do discurso libertário.

Apesar da libertação da escravidão não modificou a rarefação imposta, ou seja, afirmou a sua condição de poder. Pois a escravidão e a libertação foram vistas como um gesto generoso dos cidadãos brancos perante a massa dita inferior. O poder aqui entendido não é o de pressão ou, utilizando os conceitos de Dosse (2007), não é uma rede apertada em redor dos indivíduos, pois o poder é uma relação que está em todo momento querendo punir, substituir os poderes impotentes que se manifestaram nos suplícios corporais, trazendo consigo um discurso moderno de controle das populações através das constituições específicas. Sabemos que esses ideais modernos de liberdade, igualdade e fraternidade nada fazem contra o estabelecimento de disciplinas, que enganam e revelam o avesso, estabelecendo dispositivos de submissão: por trás da liberdade, a reclusão, da igualdade, a escravidão do corpo e por trás da fraternidade, a exclusão, como afirma Dosse (2007).

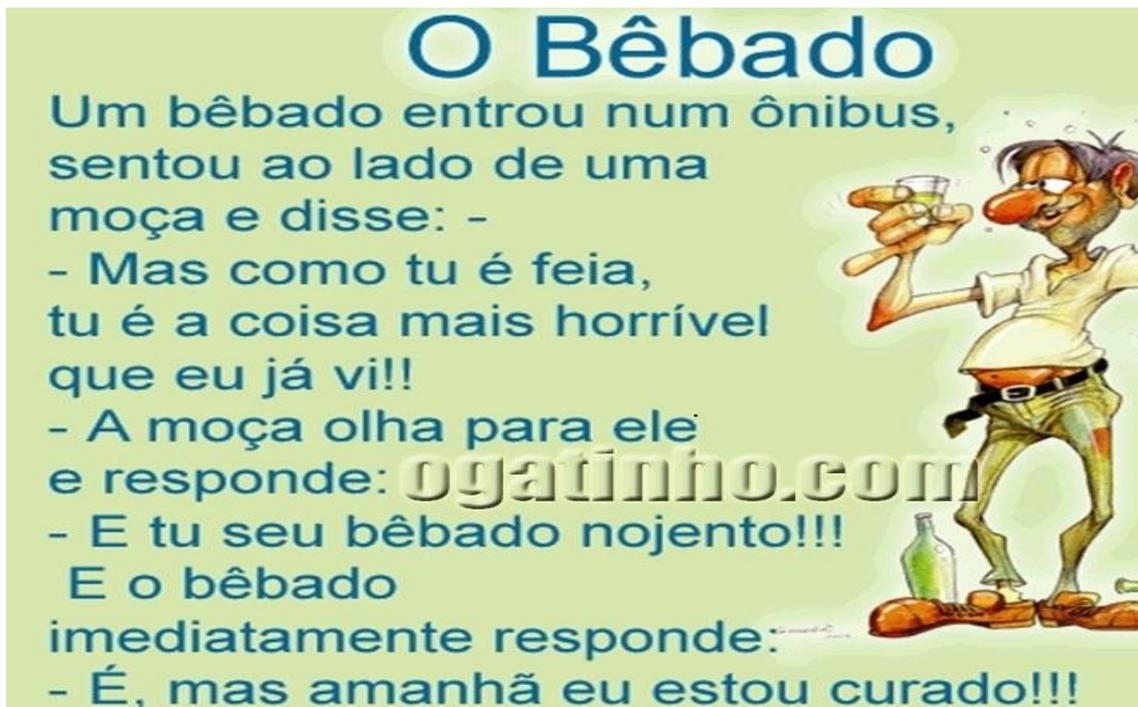
Vimos que a repetição dos enunciados se repetem, as piadas demonstram que sua função é manter ou retomar posições estigmatizadas. Sendo protegidos pelo humor perpassam preconceitos fortemente marcados por ideologias. Os estereótipos preconceituosos decorrentes dessas ideologias estigmatizadas, apelam para uma memória discursiva. Voltamos aos postulados de Pêcheux, pois assumir a posição sujeito necessita ser afetado pelo interdiscurso, pela memória discursiva, as quais os sujeitos não poderiam fugir de tal interpelação. É essa ideologia que é responsável pela ilusão de transparência da piada. Por mais que seja um brincadeira, ou uma simples provocação entre as operadoras, a função desses discursos perpassam valores para a sociedade.

Nesse sentido, a luz dos postulados de Orlandi (1999) em sua tipologia dos discursos, classifica os discursos em lúdico, polêmico e autoritário. Comumente caracterizamos as piadas como discurso lúdico. Porém eles podem ser uma mescla de discurso lúdico com discurso polêmico, isso se nos projetarmos além do riso. Nessa piada, por exemplo, o racismo é assunto muito polêmico, mas a utilização do jogo de palavras é também lúdico e autoritário, já que tem autoridade, mesmo utilizando do humor, para falar.

A piada também possui um conteúdo ideológico bastante presente na sociedade atual, e, que exige uma tomada de posição pelo sujeito: o racismo. O sujeito é chamado a se posicionar sobre a questão em um contexto de humor, positivamente ou negativamente, como explicita Freud (1905). Essa carga autoritária carregam um peso ideológico. Para Orlandi (1999) o analista não deve extrair do texto um conteúdo, mas sua materialidade discursiva que compreende os sentidos e os sujeitos, com toda esse peso ideológico que possui cada discurso.

A seguir, apresentamos a nossa nona análise.

- Análise 9



Fonte: Piadas do Gatinho

Essa piada está mais próxima das piadas tradicionais. Uma narração, com título, utiliza-se de pontuação, travessão para uma pequena narrativa. O bêbado entra em um ônibus

e degrada a imagem de uma jovem, ela também o insulta, e ele a repreende afirmando que a bebedeira passa, mas a feiura se mantém.

Freud (1905) afirma que o insulto é uma das técnicas e recursos para provocar o riso. Os personagens, insultam-se um ao outro. O gatilho do riso está relacionado com a superfície linguística usada nos verbos “ser” e “estar”, Na medida em que o homem está bêbado mas não é bêbado, trata-se de uma situação transitória. Já, no caso da mulher temos um estado permanente, que não muda. Nesse sentido a feiura da mulher é como uma sentença, um destino do qual ela não pode fugir, ou seja, a mulher está condenada a ser feia, e o homem não está condenado a ser bêbado.

Assim a piada alcança o seu objetivo de ser engraçada. Essa técnica do escárnio, humilhar o outro, é muito comum nas piadas, “a comicidade interessa-se pelo feio” (FREUD, 1905, p.5). Freud (1905) concorda com Lipps, o qual afirma que “o chiste é algo cômico, de um ponto de vista inteiramente subjetivo, isto é, algo que nós produzimos, que se liga a nossa atitude como tal, e diante de que mantemos sempre uma relação de sujeito, nunca de objeto, nem mesmo objeto voluntário” (FREUD, 1905. p.5). Se o feito está escondido, não é revelado, porém deve ser descoberto através da comicidade. Nesse sentido, Freud (1905) enfatiza que o cômico tem uma maneira diferenciada de olhar as coisas, apresenta e torna-o óbvio. É a prática de enganar-nos apenas por um instante.

Freud (1905) ainda acrescenta que o efeito cômico é produzido pela solução de desconcerto através da compreensão da palavra. Nessa piada, a moça ao tentar desestabilizar o bêbado, acabou passando por uma cena constrangedora e desconcertante.

Nessa conexão, a abordagem por Lipps (1898,90) da brevidade dos chistes é significativa. Um chiste diz o que tem a dizer, nem sempre em poucas palavras, mas sempre em palavras poucas demais, isto é, em palavras que são insuficientes do ponto de vista da estrita lógica ou dos modos usuais de pensamento e de expressão. Pode-se mesmo dizer que tudo que se tem a dizer nada dizendo (FREUD, 1905, p. 7).

Nesse ponto, Freud nos remete a discussão dos postulados de Foucault (2003), a liberação de temas proibidos pela sociedade que utiliza-se de humor, que por sua vez tem uma ligação com o desejo e poder. Esse poder causa uma certa dominação que é mantida por procedimentos internos e externos. Se explorarmos os procedimentos externos vemos que utiliza-se da interdição, já que o indivíduo aproveita-se da bebedeira para afirmar que a mulher é feia. Talvez outras pessoas já haviam notado a suposta feiura, mas como não se tem o direito de dizer tudo, falar sobre tudo eles calaram-se, pois é o direito privilegiado do sujeito

que fala. No caso da piada, o bêbado já está caracterizado, o estado em que ele se encontra já causa o motivo da comicidade, assim ele tem a autoridade de falar porque a circunstância permite que ele fale. Já que a voz do bêbado é equiparada a voz do louco, pois é considerada nula, visto que, segundo Foucault (2003) para a sociedade, o louco não tem razão e seu discurso não é verdadeiro. Sendo que, esse discurso (dizer que a mulher é feia) fosse proferida por alguém de direito, não seria uma piada.

Também é importante salientar que o discurso em si já possui o seu controle. Já que se fizermos uma pesquisa podemos notar que essas piadas aqui divulgadas, grandes memes que fazem sucesso nas redes sociais, já foram contadas anteriormente, muitas delas oralmente, mas com a mídia e a transformação da sociedade, essas piadas são consideradas modernas. Mas utiliza-se das mesmas técnicas dos chistes, descritos por Freud, a repetição, o jogo de palavras, a ambiguidade, o conhecimento prévio, ou seja, fixa limites que tem a forma de uma ritualização permanente nas regras. A disciplina instaura esse controle, mas não retira o poder o qual o discurso se apodera, no entanto, impõe regras aos locutores que o pronunciam.

A seguir, apresentamos a nossa décima e última análise.

- Análise 10



Fonte: Anônima (retirada da página do facebook em jan/2015)

Essa piada possui um título “Lula: inflação voltou porque o pobre está comendo” e faz referência à fala do entrevistador. “Pesquisa: o senhor está comendo mais?”. A válvula de escape causadora do riso é o verbo comer. Na primeira frase, o verbo traz um pensamento sobre comida, faz alusão à alimentação, ou melhor, a primeira frase é uma explicação, motivo

porque houve o aumento da inflação, inferindo que o aumento veio de uma melhor alimentação dos que estão na classe baixa. Já a figura mostra uma família grandiosa e pobre, e o pesquisador vai verificar essa afirmação do presidente. E fica diante de uma situação oposta. Essa piada surgiu no momento que Lula era presidente do Brasil e nessa época estava sendo discutida a questão do crescimento econômico brasileiro e o retorno da inflação. O presidente (ocupava esse cargo na época) explicitou que a inflação voltou porque o pobre está comendo mais. Assim, os movimentos oposicionistas utilizaram-se dessa piada para expressar a real situação do pobre. A ambiguidade está presente no verbo comer é o gatilho, a válvula de escape da liberação do inconsciente, pois dá uma ideia sexual.

Na primeira oração, Lula afirma que o brasileiro está comendo mais, no sentido de estar se alimentando melhor. Na imagem a realidade é contrária, retrata o brasileiro pobre, favelado, sem condições higiênicas e de saneamento, mas com um número surpreendente de filhos. Assim, subtende-se, que a fala de Lula se refere a alimentação, mas a imagem subjaz ao número de relações sexuais, comprovadas pelo número de crianças. A ideia de que a vida do brasileiro não mudou, efetiva-se no quadro em que o Brasil se encontra. Diversas pessoas vivem ou sobrevivem em condições desumanas, em péssimas condições de saneamento, moradia, higiene, etc. Esse discurso é uma crítica ao governo petista que tenta mascarar essa realidade desumana, com discursos de melhoria na saúde, moradia, alimentação dos brasileiros para adquirir prestígio e voto da sociedade.

Essa imagem retrata um tom crítico de denúncia. Revela, através do humor, que os discursos políticos não correspondem à verdade, feitos para levantar um questionamento sobre as promessas propostas pelo presidente (na época).

Também podemos verificar pela imagem que o brasileiro pobre se mostra de um certo modo irresponsável, pois com a pobreza extrema, sem as mínimas condições de subsistência, ele ainda tem muitos filhos. Não há o controle de natalidade, visto que não tem como alimentar tantas crianças. Mas podemos inferir que talvez não haja o esclarecimento de como poderia haver esse controle ou se tem, o discurso estigmatizado do não controle, já está muito bem naturalizado.

O Brasil, como já foi explicitado anteriormente, após o seu histórico de colonização, elevou o índice de pobreza no país. Milhões de pessoas vivem em condições de extrema pobreza. Também é importante salientar que, as regiões norte e nordeste têm os maiores índices, mas nas grandes cidades como São Paulo ou Rio de Janeiro tem índices consideráveis de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza. Vivem à margem da sociedade, as favelas,

hoje cenário dominante nas grandes cidades, que com crescimento desordenado, as favelas já estão lado a lado com a alta sociedade.

A desigualdade de renda, a falta de emprego faz do Brasil o 8º país com índices mais altos de desigualdade, segundo dados da ONU, que apontam como causador dessa desigualdade três pilares coloniais: a influência ibérica, os padrões de título de posse em latifúndios e a escravidão. A falta de controle da natalidade também é evidenciada na piada e citada como fator de desigualdade.

Assim, em uma primeira interpretação pontuamos que ele tem um fundamento político, ou seja, foi feito apenas para fazer uma depreciação da imagem do presidente petista, visto que é feita uma “brincadeira” com o verbo comer, dando um duplo sentido, o de alimentação e o sexual. Mas também, podemos notar que, a falta de controle de natalidade é colocada como uma das causas da desigualdade social. Um maior número de filhos significa uma maior quantidade de alimentos, um habitat maior, um maior consumo de energia elétrica e água, saneamento e uma renda maior. Contrariando a lógica, os índices, apontam que, famílias que vivem na pobreza e na extrema pobreza com uma taxa de fecundidade de 3,9 filhos, opondo famílias que têm uma renda acima de cinco salários mínimos com um percentual de 1,0 filho.

Devemos levar em conta que, mulheres que possuem um maior número de filhos tem uma idade por volta dos 18 aos 25 anos, ou são adolescentes em volta dos 14, 15 anos, e uma grande maioria sem instrução, vivem em lugares pobres e conservam um discurso antigo de que a mulher nasceu para ser mãe, dona do lar, submissa ao senhor que, por sua vez, é o seu marido.

Voltamos às questões discutidas nas piadas anteriores, a degradação da imagem feminina vista por dois aspectos: o de mãe, dona de casa, e das prostitutas, que servem apenas para satisfazer os desejos masculino. Essas posições são bem definidas nas famílias mais prestigiadas, pois não são interpelados pelas novas formações discursivas, já que não possuem muitos anos de escolaridade, ou são analfabetas, sendo constituídas por ideologias anti-modernas. No entanto, podemos questionar estas teorias ditas modernas: “[...] quando se diz que os homens são livres por natureza e que exprimem essa liberdade pela capacidade de escolher entre coisas ou entre situações dadas, sem que se analise quais coisas e quais situações são dadas para que os homens escolham” (CHAUI, 1908, p 34).

Vemos que, a questão é ideológica quanto à naturalização de discursos estigmatizados na sociedade. A ideologia é um processo de interpretação que aparece como

única interpretação, necessária, não podendo haver outra, que atribui sentidos fixos e um contexto histórico dado.

Nesse sentido, assim como todas as piadas aqui analisadas, a ideologia está presente, faz naturalizar discursos, isto é, substitui o ridículo, a crítica, o nojento, a degradação de processos degenerativos para grandes fontes de humor, que transforma uma questão lógica e polêmica em uma simples brincadeira. Levando o leitor ao riso sem perceber que os discursos que o interpelaram, “presos” no inconsciente vêm à tona, demonstrando toda a institucionalização, dogmas, comportamentos sociais, já enraizados e naturalizados pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa consiste em analisar o funcionamento das piadas para abordar características e como elas revelam as transformações e acontecimento da época. Propomos tentar compreender as ideologias que permeiam o universo social. No decorrer deste trabalho, observamos que as piadas não são textos apolíticos, como muitos pensam. Para compreendê-los, faz-se necessário o acionamento de diversos dados, tanto expressos na sua materialidade linguística quanto a partir da discursivização. Dessa forma, é importante destacar que essa análise não recai somente nas piadas propriamente dita, mas reflete também em seu locutor e ouvinte, sendo que cada leitor é único e este precisa dispor de conhecimento prévio e de mundo para facilitar sua compreensão.

Com base nisso, observamos que as piadas trazem uma ideologia que foi naturalizada e perpassada. Além disso, elas declaram algo que está escondido através do humor. Segundo Possenti (2000, p. 49), “[...] o humor pode ser extremamente reacionário, quando é uma forma de manifestação de um discurso vinculador de preconceitos”. Nessa perspectiva, é de fundamental importância analisar e problematizar as piadas. Com efeito, elas são, sem dúvida, um objeto de grande relevância para várias áreas do saber, não só no âmbito linguístico, mas também no social. Isso porque é possível, através desse gênero, fazer uma análise discursiva e identificar ideologias e discursos pré-construídos pela nossa sociedade.

Nesse sentido, foram discutidas as relações de poder em piadas para uma melhor abordagem do tema e para uma melhor explanação do objeto analisado. Seguimos com os postulados foucaultianos que teorizam sobre a questão do corpo que sofre toda opressão, sendo treinado a obedecer sem reclamar. Essa dominação do corpo é atrelada ao controle das atividades, pela regularidade do tempo e pela vigilância ininterrupta, elementos utilizados pela disciplina para obter um corpo dócil. Este corpo naturaliza esse controle de forma totalizada, tanto é que ele não percebe que está sendo controlado, transformando, assim, o corpo em um objeto mecânico.

Nessa perspectiva, nota-se que o sujeito se torna um objeto transformável em eficiência e alvo de controle. Percebemos a alienação do sujeito que simplesmente obedece e silencia-se diante das estruturas impostas. Neste contexto, também percebemos que o controle da sociedade é regido pela minoria elitista mediante uma imposição disfarçada, abstem os subalternos da sua individualidade, visando somente o interesse coletivo.

Esses valores socialmente determinados e naturalizados pelos indivíduos são predeterminados por um sistema de leis e princípios aceitos pela sociedade como verdadeiros.

Isso nos faz chegar a uma conclusão importante: somos dominados e silenciados pelo nosso sistema.

As piadas utilizam-se do riso para perpassar mais rapidamente as ideologias estigmatizadas, o leitor que compartilha essas piadas, incorpora e naturaliza esses discursos, evidenciando os discursos dominantes, cuja impressão é a de que esses discursos tem o sentido único.

Um dos efeitos ideológicos está justamente no fato de que, no momento mesmo em que ele se dá, a interpretação se nega como tal. Quando o sujeito fala, ele está em plena atividade de interpretação, ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas. Mas ele o faz como se os sentidos tivessem nas palavras: apagam-se suas condições de produção, desaparece o modo pelo qual a exterioridade o constitui. Em suma, a interpretação aparece para o sujeito como transparência, como o sentido lá (ORLANDI, 2007a, p.65).

É assim que a ideologia age, não ocultando sentidos, mas apagando o processo de sua constituição. A agressividade disfarçada que está presente nas piadas, representa as instituições, dogmas religiosos e nos coloca, forçadamente, a ter uma posição. E, quando é contestado, utiliza-se do humor como defesa. Esse algo escondido que não é dito, é a válvula de escape do inconsciente que, por sua vez, é liberado timidamente em cada riso. Até mesmo os memes que se propagam rapidamente nas redes sociais, já que são visualizados, curtidos e compartilhados por milhões de usuários que naturalizam tais discursos e perpassam ideologias estigmatizadas pela sociedade.

Sob a égide dos principais escritores que tratam da temática em questão, concluímos que as piadas, com suas características, revelam as transformações de ideologias da sociedade, os preconceitos perpassados como os mostrados aqui nesse trabalho, preconceitos de cor, sexo, etc. Essa naturalização de discursos causam modificações nos lugares e posições em que os sujeitos se constituem, já que todo sujeito e discurso são constituídos pela ideologia. Nessas análises observamos os discursos pré-construídos que interpelamos, os quais estão em circulação e são marcados por uma instituição e divulgados pela grande mídia que interferem na construção de imagem dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2001.
- ARAÚJO, T.P. Nordeste: Economia e mercado de trabalho. *Estudos avançados*, Scielo, vol. 11, n. 29, São Paulo, Jan/Apr. 1997.
- ÁVILA, F. G. O. *Análise do Discurso Humorístico: as condições de produção das piadas de Joãozinho*. Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BERGSON, Henri. *O Riso*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1899.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução a Análise do Discurso*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- CASTRO, J. C. L. O inconsciente como linguagem: de Freud a Lacan. *Cadernos de Semiótica Aplicada CASA*, vol. 7, n. 1. Julho de 2009.
- CHAUÍ, M. *O que é ideologia?* São Paulo: Brasiliense, 1980.
- DOSSE, F. *História do Estruturalismo*. Trad. Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1987.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Trad. James Strachey. Volume 8. 1905.
- GIACOMONI, M. P. VARGAS, A. Z. Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva. *Veredas, Análise do Discurso*, 2010.
- GREGOLIN, M. do R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção das identidades. *Revista comunicação, mídia e consumo*. São Paulo. Vol. 4, n. 11, p. 11- 25. Nov. 2007.
- HENGE, G.S. BEHENCK, R.L. O discurso da Análise do Discurso: quando língua e história se encontram. *Anais do Celsul*, 2008.
- MACHADO, R. D. da S. Interdiscurso e Memória discursiva: veredas sinuosas de intersecção. *IV SEAD, Seminários de Estudos em Análise do Discurso*. Novembro de 2009.
- MARCUSCHI, L.A. Aspectos da questão metodológica na análise da interação verbal: o continuum qualitativo-quantitativo. *Revista: latino-americana de estudos do discurso*. vol. 1, n. 1, ago., 2001, p 23-42.

- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. *et al.* *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.
- MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- MEDEIROS, C. S. *A Materialidade da imagem e a ideologia no discurso da mídia do espetáculo*. Coleção hiper saberes, Santa Maria, volume II, dezembro de 2009.
- MORAIS, M. B.L. Humor e Psicanálise. *Estudos da Psicanálise* n. 31, p. 113-123. Salvador, outubro de 2008.
- MUSSALIM, F. *Análise do Discurso*. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Ana Cristina (orgs.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. (Volume 2). São Paulo: Cortez, 2001 p.102-142.
- ORLANDI, E.P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas, SP, Editora Pontes, 1999.
- ORLANDI, E.P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2007a
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas. SP: Editora da UNICAMP, 2007b
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F & HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Tradução de Péricles Cunha. Campinas: Unicamp, 1993
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi (et al). Campinas, SP.: Pontes, Editora da UNICAMP, 1997.
- PERES. M.A.de C. Velhice e analfabetismo, uma relação paradoxal: a exclusão educacional em contextos rurais da região nordeste. *Sociedade e Estado*, vol. 26, n. 3, Brasília, Sept./Dect. 2011.
- POSSENTI, S. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- POSSENTI, S. *O humor e a língua*. Revista Ciência hoje. Volume 30, nº17. Outubro de 2001.
- POSSENTI, S. Limites do humor. Língua e literatura, limites e fronteiras. *Letras*. n. 26 UFSM, 2003.
- POSSENTI, S. Explicar piadas, Freud explica (matar a cobra e mostrar o pau). *Polifonia*. Cuiabá, EDuFMT. Vol. 12, n. 1, p.1-20, 2006.
- POSSENTI, S. Discurso humorístico e representações do feminino. *Estudos da linguagem*. Vol. 5, n. 1, p. 63-94. Vitória da Conquista, junho de 2007.
- PROPP, V. *Comicidade e Riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.
- RABUSKE, A. S. Os chistes, o humor e algumas relações com os mecanismos dos sonhos. *Jornada de Estudos Psicanalíticos*. Rio Grande do Sul, julho de 2011.

RASKIN, V. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht: D Reidel Publishing Company, 1985.

SILVA, A. C. *Parece até piada: um estudo das narrativas orais humorísticas em Salvador*. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2006.

TFOUNI, F. E. V. TFOUNI, L. V. A mídia e a fabricação do bom sujeito. *Todas as letras*, São Paulo, vol. 16, n. 1, p. 116-124, maio de 2014.

VOSS, J. *O conceito de formação discursiva de Foucault e o tratamento de objetos da mídia: sobre a responsabilidade social na publicidade impressa brasileira*. Universidade Estadual de Maringá, 2011.

ZIZEK, S. *Uma mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Contraponto, 1996.

SITES UTILIZADOS

<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/09/indice-de-analfabetismo-para-de-cair-e-fica-em-87-diz-pnad.html> Acessado em 3/10/2015.

<http://www.mundoeducacao.com/geografia/a-pobreza-no-brasil.htm> acessado em 12/10/2015.

<http://www.brasilecola.com/sociologia/classes-sociais.htm> acessado em 13/10/2015.

<https://www.facebook.com/FelixBichaMa> acessado pela última vez em 30/06/2016.

<https://www.facebook.com/ObodeGaiato> acessado pela última vez em 05/06/2016.

<https://www.facebook.com/piadasdogatinho> acessado pela última vez em 10/05/2016.